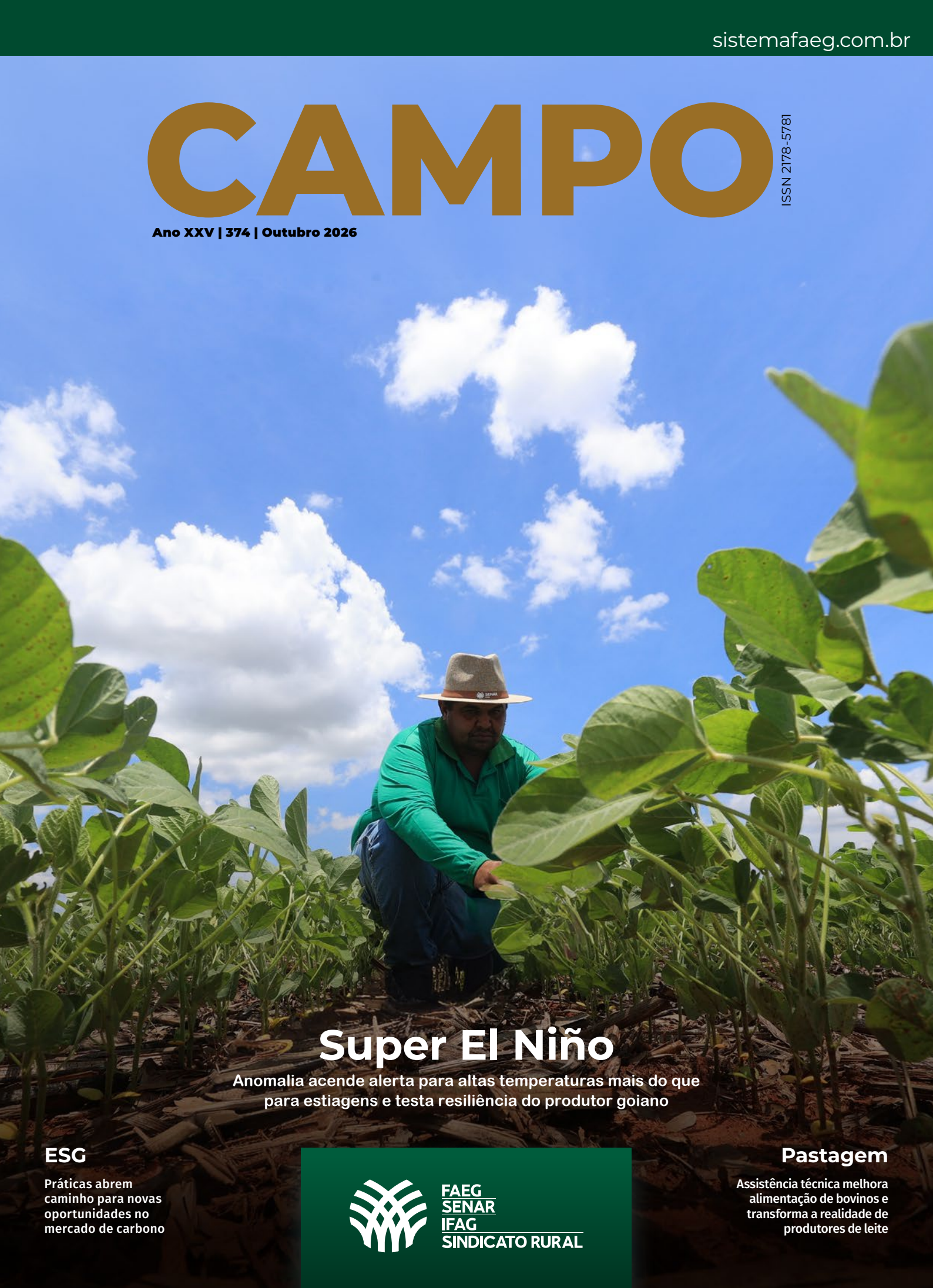
CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXV | 374 | Outubro 2026



Super El Niño

Anomalia acende alerta para altas temperaturas mais do que para estiagens e testa resiliência do produtor goiano

ESG

Práticas abrem caminho para novas oportunidades no mercado de carbono

Pastagem

Assistência técnica melhora alimentação de bovinos e transforma a realidade de produtores de leite

FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Novo curso | Curta duração

SENAR Goiás

Agregação de Valor na Avicultura Caipira

Da pesquisa de mercado às redes sociais,
aprenda estratégias para vender ovos e frangos caipiras.



GRATUITO

ONLINE

CURTA DURAÇÃO

ead.senargo.org.br

MATRICULE-SE AGORA

Palavra do Presidente

De olho no futuro

O produtor rural conhece os desafios de quem trabalha diretamente com a natureza. Cada safra traz particularidades, exige planejamento, capacidade de adaptação e disposição para seguir em frente. Em um cenário marcado por mudanças climáticas, custos elevados, crédito restrito e transformações nos mercados, essas características se tornam mais importantes para garantir a sustentabilidade e a competitividade do agronegócio goiano.

A safra 2026/27 começa sob a influência de um El Niño de grande intensidade, que coloca o clima entre as principais preocupações do setor. Mais do que o volume de chuvas, a distribuição da precipitação e as temperaturas elevadas exigem atenção redobrada. Nesse contexto, investir em manejo adequado do solo, conservação da umidade, planejamento do plantio e acompanhamento das condições climáticas é fundamental para reduzir riscos e proteger a produtividade. Tecnologia, informação e assistência técnica são aliadas indispensáveis nesse processo.

O ano também evidencia a pressão sobre as margens dos produtores, resultado da combinação entre custos de produção, juros elevados, endividamento e oscilações de mercado. Por isso, reforçamos a importância da gestão rural, controle financeiro e tomada de decisões fundamentadas em dados.

É justamente nesse caminho que a diversificação e a profissionalização da atividade ganham relevância. A experiência de produtores que reorganizaram suas pastagens, aprimoraram o manejo e ampliaram a produção de leite com o apoio da ATeG do Senar Goiás demonstra que resultados consistentes são construídos com diagnóstico, planejamento e acompanhamento. Não se trata apenas de produzir mais, mas de utilizar melhor os recursos disponíveis, respeitando a capacidade produtiva de cada propriedade.

Outro horizonte que merece nossa atenção é o mercado de carbono. Práticas sustentáveis já incorporadas à realidade de muitas propriedades, como o plantio direto, a recuperação de pastagens e a integração lavoura-pecuária-floresta podem representar novas oportunidades de geração de renda. Entretanto, é preciso avançar na organização das informações, na mensuração dos resultados e na comprovação dos benefícios ambientais. A sustentabilidade precisa caminhar junto com a viabilidade econômica, e o produtor deve estar preparado para participar desses novos mercados.

É com essa visão que o Sistema Faeg/Senar/Ifag trabalha, oferecendo conhecimento, assistência técnica, capacitação e representação institucional para fortalecer quem produz. Nosso compromisso é contribuir para que o produtor goiano tenha condições de enfrentar as adversidades, aproveitar oportunidades e continuar investindo no desenvolvimento do campo.

Sabemos que não controlamos o clima, os juros ou as oscilações do mercado internacional. Mas podemos nos preparar melhor, buscar informação de qualidade, aprimorar a gestão e adotar práticas que aumentem a eficiência e a resiliência das propriedades. O agro goiano já demonstrou sua capacidade de superar desafios. E continuará avançando com trabalho, planejamento, inovação e responsabilidade. Porque produzir o futuro exige, antes de tudo, estar preparado para ele.



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges. .
Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.
Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.
Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.
Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Leonardo Cunha, Lucas Almeida, Realle Palazzo-Martini, Renan Rigo e Revana Oliveira.
Fotografia: André Costa.
Diagramação: Isabele Barbosa.
Foto da capa: André Costa.
Fotos do Painel Central: André Costa, Wenderson Araujo e divulgação.
Tiragem: 5.000 exemplares.
Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG
Presidente: José Mário Schreiner.
Vice-presidentes: Enio Jaime Fernandes Júnior.
Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).
Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.
Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.
Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.
Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.
Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR
Presidente: José Mário Schreiner.
Superintendente: Dirceu Borges.
Titulares: Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva , Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.
Suplentes: Geovando Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.
Conselho Fiscal: Wildson Cabral Santos, Marcus Vinícius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria .
Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.
Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.
Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar
Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300
Goiânia - Goiás
Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br
Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br | comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:

sistemafaeg.com.br | @SistemaFaeg | sistemafaeg | senar/ar-go | sistemafaeg | SistemaFaeg | sistemafaeg | sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual 62 3096 2200

Painel Central



23 **Pecuária**
Com planejamento e assistência técnica do Senar Goiás, produtores de Rubiataba recuperam pastagens, aumentam a produção de leite e conquistam mais segurança na atividade leiteira



29 **Artesanato**
Cursos gratuitos do Senar Goiás transformam habilidades em oportunidades de renda, do artesanato com palha de milho à produção de sabonetes e produtos de limpeza



16 **Caso de Sucesso**
De 10 litros de leite a uma produção de queijos criativos, Maria Karoline Fernanda, a Karol, transformou uma paixão em negócio com apoio do Senar Goiás



10 **Prosa Rural**
Engenheiro agrônomo, vice-presidente e membro da Comissão de Grãos da Faeg e consultor de mercado da Terra Agropecuária, Enio Fernandes

06 Sistema em Ação

08 Ação Sindical

09 Opinião

26 Sustentabilidade

33 Mitos e Verdades

34 Info Senar

37 Receitas do Campo

38 Dica de Vó



32 **Senar Responde**
Técnica de campo do Senar Goiás responde dúvida sobre o motivo de frutos do chuchu secarem e caírem antes do crescimento

Capa



O El Niño que se forma no Oceano Pacífico acende o alerta para a safra 2026/27 em Goiás, com temperaturas que podem superar a média histórica. Mais do que o volume de chuvas, a distribuição da água e o estresse térmico preocupam produtores e especialistas. A reportagem mostra os impactos esperados sobre as lavouras de soja e milho e os riscos de atrasos no plantio da segunda safra. Também apresenta estratégias para enfrentar o calor, como manejo adequado do solo, conservação da umidade, escolha de cultivares e escalonamento do plantio.

18

Ficca

O Sistema Faeg/Senar participou da FICCA Goiás 2026, Feira da Indústria, Comércio, Cooperativismo, Empreendedorismo e Agronegócio de Goiás, realizada de 27 a 29 de outubro, no Centro de Convenções de Goiânia. O evento é uma realização conjunta do Sistema Fecomércio-GO, Sistema Fieg, Federação das Associações Comerciais, Industriais, Empresariais e Agropecuárias de Goiás (Facieg), Sistema OCB/GO, Sistema Faeg/Senar e Sebrae Goiás. A proposta é integrar comércio, indústria, cooperativismo, empreendedorismo e agronegócio em um mesmo espaço, ampliando as oportunidades de conexão entre empresas, produtores rurais, profissionais e empreendedores. A participação do Sistema Faeg/Senar destacou a tecnologia, a inovação e as oportunidades profissionais no campo. Durante os três dias, o público pode conhecer iniciativas da instituição por meio da Carreta Senar 360 e do estande, que reúne experiências interativas e atividades relacionadas à formação profissional e ao desenvolvimento rural. Entre as atrações estiveram o Talentos do Campo, o Seu Lugar no Agro, a ATeG Agroindústria com exposição de produtos vindos do campo e o Simulador de Colheita e Plantio. As atividades apresentam possibilidades de atuação profissional no setor agropecuário, soluções relacionadas à assistência técnica e gerencial e experiências que aproximam os visitantes das tecnologias utilizadas no campo. A edição também marcou a etapa final da edição comemorativa de 10 anos do Desafio AgroStartup.



Sistema Faeg

Para registro


Fredox Carvalho


Sistema Faeg/Senar



Fredox Carvalho

“Para o Sistema Faeg/Senar, participar da Ficca é uma oportunidade estratégica de ampliar conexões e fortalecer a integração do agronegócio com os demais setores da economia. É também uma forma de evidenciar a força do agro e sua contribuição para a geração de empregos, negócios, inovação e desenvolvimento. Acreditamos que o futuro de Goiás se constrói com a união dos setores produtivos, investimento em pessoas e inovação, preparando o nosso estado para os desafios e as oportunidades que estão por vir.”

José Mário Schreiner,
presidente do Sistema Faeg/Senar

“O Sistema Faeg/Senar traz para a feira palestras sobre talentos, com RHs do agro, que vão ofertar mais de 800 vagas. Outro Pilar será a 10ª edição do Desafio Agrostartup, que teve mais de 10 mil participantes e o terceiro pilar, a parte de inovação com simuladores de colheita.”

Dirceu Borges,
superintendente do Senar Goiás

“Este ano, o Desafio AgroStartup superou ainda mais as expectativas. Conseguimos chegar a um número recorde de instituições de ensino, com mais de 70 participantes, e tivemos mais de 300 equipes trabalhando no desenvolvimento de novas soluções.”

Pedro Camilo,
diretor de Tecnologia do Senar Goiás

Carreta


Sistema Faeg

O Senar em Movimento marcou presença no 9º Cepe Unialfa, em Goiânia, levando conhecimento técnico, prática gastronômica e valorização da cultura rural. Alinhada ao tema "Ciência Delas – Histórias que inspiram", a Carreta Senar de Gastronomia realizou uma programação especial nos dias 19 e 20 de outubro nas unidades do centro universitário. Durante a programação, a unidade móvel recebeu participantes para oficinas práticas de Produção Artesanal de Chocolates e Cozinha Rural, além de demonstrações em formato de Cozinha Show, destacando técnicas de preparação, segurança alimentar e agregação de valor aos produtos do campo. No período noturno, o evento contou com um festival gastronômico na área externa da Carreta e atrações culturais no palco principal.

Outubro Rosa

Os colaboradores do Sistema Faeg/Senar/Ifag vestiram rosa em apoio à campanha Outubro Rosa, movimento de conscientização sobre o câncer de mama que busca reforçar a importância da prevenção, do diagnóstico precoce e do cuidado com a saúde da mulher. A iniciativa destaca que a mobilização vai além do uso da cor rosa. Compartilhar informações, incentivar o autocuidado e ampliar a conscientização sobre a doença são atitudes fundamentais para fortalecer a prevenção e contribuir para o diagnóstico precoce. O Sistema Faeg/Senar/Ifag e os Sindicatos Rurais apoiam a campanha e reforçam seu compromisso com a promoção da saúde e a valorização da vida.



Sistema Faeg

Academia de Formação


Sistema Faeg

O Senar Goiás realizou, em outubro, a cerimônia de certificação da 4ª turma da Academia de Formação, que preparou 28 novos profissionais para atuar na Assistência Técnica e Gerencial (ATeG). Ao longo de seis meses, os participantes passaram por uma formação que integrou teoria e prática, com foco na metodologia de atendimento do Senar Goiás e na preparação de técnicos para atuar diretamente nas propriedades rurais. A iniciativa conta com o apoio do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (IFAG), que, por meio do programa AgroFuture, é responsável pela gestão das bolsas concedidas aos participantes da Academia de Formação

Formatura

Em outubro, o Sistema Faeg/Senar celebrou, em Anápolis, a formatura de mais de 105 novos profissionais dos cursos técnicos de Agricultura, Agronegócio e Zootecnia do Senar Goiás. A cerimônia contou com a presença do presidente do Sistema, José Mário Schreiner, diretoria da Faeg e dos


Sistema Faeg

Sindicato Rurais, que compartilharam esse momento especial com os formandos e familiares.

Ensino

O Sistema Faeg/Senar recebeu a comitiva do Centro Universitário de Goianésia (UniEgo) para dialogar sobre o fortalecimento do ensino e da qualificação profissional voltados ao agronegócio. Entre os principais temas, estiveram a aproximação da formação acadêmica às demandas do mercado de tra-


Sistema Faeg

balho e o apoio à criação de um Centro de Excelência em Agropecuária em Goianésia, ampliando as oportunidades de formação e desenvolvimento para a região.

Jaraguá
Encontro de Produtores





Divulgação

O Sindicato Rural de Jaraguá promoveu, no dia 17 de outubro, o 4º Encontro de Produtores, no Espaço de Eventos D' Cory, reunindo produtores rurais, profissionais e parceiros do agronegócio de Jaraguá e região. A programação contou com palestras do Sebrae, sobre o programa Sebrae Etec Rural; do Senar Goiás, que abordou a importância da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG); e do especialista Ronaty Makuko, que apresentou perspectivas para o agronegócio brasileiro. O encontro também proporcionou momentos de integração, com almoço, roda de conversa e troca de experiências, fortalecendo o relacionamento entre os participantes, a disseminação de conhecimento e as parcerias em benefício do desenvolvimento do agro regional.

Goianésia
Aprendizagem Profissional Rural





Divulgação

O Sindicato Rural de Goianésia, em parceria com o Senar Goiás e a empresa Jalles Machado, iniciou duas novas turmas do Programa de Aprendizagem Profissional Rural, reunindo 45 jovens. A abertura contou com a presença do presidente do Sindicato Rural, João Pedro, e de representantes da empresa parceira. Durante a formação, os participantes terão acesso a atividades teóricas e práticas, com foco no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao mercado de trabalho. A iniciativa busca ampliar as oportunidades de qualificação profissional para os jovens e contribuir para a formação de mão de obra preparada para atender às demandas do agronegócio goiano.

Parceria de verdade é com **quem valoriza o que você faz!**

SEJA UM **FORNECEDOR DA MINERVA FOODS** E TENHA ACESSO A:

- Direcionamento da sua produção para os melhores mercados
- Diferentes modalidades de negociação
- Previsibilidade de retorno financeiro
- Atendimento ágil e personalizado
- Solidez de uma empresa com mais de 30 anos de mercado

Fale com a nossa equipe:
(11) 93469-9381 | (17) 99678-8174



laço de confiança
minerva foods

O emprego à espera no campo



Dirceu Borges
é superintendente do Senar Goiás

Toda transformação econômica deixa uma pergunta em aberto: quem estará preparado para ela? No agronegócio goiano, essa pergunta tem hoje uma forma concreta. Não faltam vagas, mas gente pronta para ocupá-las.

O agronegócio é o maior empregador de Goiás: ocupa mais de um quarto de todos os trabalhadores do estado e seguiu abrindo postos formais ao longo de 2026, mesmo diante da desaceleração da economia nacional. A cada ano, o setor oferece milhares de vagas. O campo, longe de esvaziar, chama.

O que mudou foi o tipo de gente que ele chama. A mecanização, a agricultura de precisão e a chegada da tecnologia embarcada redesenharam o trabalho rural. O braço deu lugar ao conhecimento. Onde antes se pedia força, hoje se pede a capacidade de operar uma colhedora guiada por satélite, de interpretar dados de produtividade, de manejar um rebanho com critério técnico. O agro passou a exigir profissionais qualificados e a pagar por isso.

Mas a escassez aparece de forma quase literal nas plataformas de vagas do próprio setor: há posições que permanecem semanas em aberto, esperando um candidato que não chega. Enquanto isso, para os poucos cargos que exigem menos preparo, a procura sobra.

Formar operadores de máquinas, técnicos, profissionais da pecuária e gestores rurais é, hoje, a condição para que o agro goiano sustente o crescimento que o projeta nacionalmente. É esse o compromisso que orienta o trabalho do Senar Goiás no interior do estado: transformar a demanda do campo em oportunidade concreta de qualificação. É também uma das rotas mais concretas de ascensão para o jovem do interior, que pode encontrar perto de casa um emprego formal, estável e mais bem remunerado do que boa parte das alternativas urbanas.

Reduzir essa distância entre quem contrata e quem quer ser contratado é uma tarefa coletiva, que envolve produtores, poder público e as entidades de representação e ensino do setor.

Mas o cenário também revela uma oportunidade rara. Poucos setores oferecem, ao mesmo tempo, vaga disponível, salário em alta e caminho claro de qualificação. O agro goiano oferece os três.

A história econômica de Goiás sempre foi escrita no campo. A próxima página dela será escrita por quem decidir se preparar para o trabalho que já existe esperando.

EXATA BALANÇAS
20 ANOS · 2006—2026
BALANÇAS RODOVIÁRIAS
No agro, cada quilo conta.
Balança rodoviária de **fabricação própria**, com tecnologia digital e **financiamento BNDES Finame**.
- Células de carga digitais: sem erro por temperatura
- Caixa de junção em aço inox, proteção IP67
- Indicador com display de 7" e +30 mil pesagens na memória
- Protetor contra surto elétrico com 25 anos de garantia
- De 12 a 30 m ou sob medida, sobre piso ou semi-embutida



FINANCIE SUA BALANÇA COM
BNDES FINAME
Condições especiais para o empresário modernizar ou ampliar a estrutura de pesagem. Modelos credenciados.

MANUTENÇÃO
Preventiva e corretiva em balanças de qualquer marca

CALIBRAÇÃO
Unidades móveis com pesos padrão rastreados RBC

AMPLIAÇÃO
De dimensão e capacidade da sua balança rodoviária

MODERNIZAÇÃO
Kit de pesagem digital para balanças antigas

FAÇA SEU ORÇAMENTO
(62) 3549-8188 · WhatsApp (62) 99838-0936
exata@exatabalancas.com.br

ESCANEIE E VÁ PARA O NOSSO SITE
exatabalancas.com.br

Exata Balanças · Fabricante de balanças rodoviárias, comerciais, industriais e laboratoriais · Representante oficial Mettler Toledo em Goiás · Aparecida de Goiânia – GO

Financiamento sujeito à análise de crédito e às condições do BNDES, conforme modelos credenciados.

Safra de desafios



Enio Fernandes

é engenheiro agrônomo, vice-presidente e membro da Comissão de Grãos da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e consultor de mercado da Terra Agropecuária

André Costa

Realle Palazzo-Martini I realle.martini@ifag.org.br

O produtor goiano fecha 2026 com a margem bem espremida. Guerras encareceram fertilizantes e derivados de petróleo, juros seguiram altos e a estiagem castigou a segunda safra de milho. Reflexo disso, Goiás está entre os estados com mais pedidos de recuperação judicial no agro. As dificuldades enfrentadas pintam um quadro desafiador para 2027, na compreensão do vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e consultor de mercados da Terra Agropecuária, Enio Fernandes. Ele conversou com a Revista Campo sobre o futuro da atividade rural no estado.

Engenheiro agrônomo e membro da Comissão de Grãos da federação, Enio trata a dívida como sintoma. "O endividamento não é o problema; ele é o reflexo do problema", diz. A raiz estaria nos juros e no desequilíbrio das contas públicas. A MP da renegociação, constata, quase não alcançou o produtor goiano.

Com Lula reeleito e uma bancada ruralista que apoiou o adversário, o dirigente descarta o confronto. "Pragmatismo é o nome do jogo". Na leitura dele, a entidade que se recusa a sentar à mesa deixa o espaço para quem tem uma visão distorcida do campo. Do segundo mandato de Daniel Vilela, espera proximidade com o setor e uma política que una produção e industrialização.

O médio prazo passa pelo clima. O El Niño forte divide o estado entre um Sudoeste de plantio adiantado e um Norte mais exposto a veranicos. Por isso recomenda o seguro rural mesmo fora do pacote principal do Plano Safra, contratado direto com seguradoras privadas. Não é para dar lucro, explica, e sim para impedir que uma quebra leve o produtor a uma situação financeira delicada. Na entrevista, também comenta a CBS, o acordo Mercosul-União Europeia, os prêmios da soja e a venda escalonada da safra 2026/27. Confira!

1 Goiás deve fechar o ciclo com a segunda maior safra de grãos da sua história, mas o faturamento do campo encolheu no país. Para o produtor goiano, 2026 foi o ano de produzir muito e ganhar pouco? Onde a conta deixou de fechar?

Em verdade, foi um ano extremamente difícil para o produtor rural goiano. O serviço da dívida, que são os juros que ele paga para acessar o mercado financeiro, está extremamente elevado. Estivemos no meio de duas guerras: a da Rússia com a Ucrânia, que, querendo ou não, impactou o preço dos fertilizantes; e a guerra no Golfo, entre o Irã, de um lado, e Israel e Estados Unidos, de outro. Isso catapultou o preço do barril de petróleo. A grande maioria das pessoas só pensa no preço do óleo diesel e da gasolina, mas vários produtos e defensivos agrícolas estão intimamente ligados ao preço do petróleo, que é a principal matéria-prima de muitos deles. Isso impactou toda a cadeia. Então, tivemos um impacto muito forte nos custos e, do outro lado, um serviço da dívida muito elevado. Além disso, a primeira safra, de soja, foi muito boa, mas a segunda safra, de milho, foi muito ruim para Goiás. A estiagem mais longa afetou bastante a produtividade. Quando somo tudo isso – custos elevados, serviço da dívida elevado e uma produtividade que, somadas as duas safras, não foi boa – o resultado é muito preocupante para todas as entidades, inclusive para a Faeg. A Faeg tem como foco proteger o produtor rural, e essa realidade de menor renda no campo e maior endividamento está afetando muito o setor. O ano de 2026 é um ano para a gente esquecer no que se refere à margem do produtor.

2 Goiás está entre os estados com mais pedidos de recuperação judicial no agro, embora os números do segundo trimestre tenham recuado. Esse recuo é sinal de alívio ou só reflete as regras mais duras para o acesso à RJ e o crédito mais seletivo?

Bom, nesse caso, no nosso entendimento, não é nem uma coisa nem outra. Não é que as regras estejam mais duras. É que, infelizmente, o produtor olha a foto e vê que a recuperação judicial não resolve o problema dele. Ele precisa de alongamento de dívida, mas também precisa de acesso a novos créditos. Ao entrar com a recuperação judicial, o crédito dele é cerceado, cortado, limitado, e ele não tem capital de giro no longo prazo. E o produtor rural, se você olhar o histórico de pagamento dele, cumpre seus compromissos, é adimplente, preza para conseguir fidúcia, credibilidade junto ao mercado. Então, ele só vai para uma recuperação judicial no último instante. Ele tenta de todas as formas postergar isso. Mas, de novo, se tivermos mais um ano problemático, ele não terá alternativa. Vai entrar com a recuperação judicial ou com o pedido de prorrogação, na tentativa de sobreviver por mais um período até encontrar uma saída. Por quê? Porque ninguém entra com recuperação judicial para tentar obter lucro na atividade. Isso não cabe. Você não consegue acessar crédito, não renova suas linhas de crédito. E o agro sempre pensa a longo prazo. Quem opera no agro não pensa em 30 de dezembro; está pensando em quatro, cinco, seis, sete anos. O investimento mais curto no agro é o calcário, que é de cinco anos; uma máquina leva oito anos para pagar; um armazém, 15. Então, diante dessas medidas que tolhem o crédito, ele recua. E, de novo, a safra está sendo plantada com muito sacrifício. Caso ele tenha uma boa safra e os preços ajudem, ele tem a esperança de conseguir sair lá na frente. No fim do dia, é por isso que as recuperações judiciais recuaram. Até porque os pedidos cresceram bastante. Nenhum índice sobe continuamente. Em determinado momento, qualquer índice que sobe agressivamente para, e depois pega outra tendência. Esperamos que a safra seja boa, que o produtor consiga minimizar essa questão e que essas recuperações judiciais realmente recuem.

3 A MP da renegociação das dívidas rurais deixou de fora as CPRs com tradings e as dívidas com fornecedores, justamente onde muitos produtores goianos estão expostos, e perde a validade agora em novembro. Ela chegou de fato a quem precisava? O que ainda falta resolver?

Não, infelizmente ela não atendeu quase ninguém. Basta olhar o número de produtores que conseguiram se adequar às normas. E há uma cláusula muito interessante: prorroga-se se o banco quiser. Se o banco desejar, se o banco tiver interesse. Ou seja, o agente financeiro tem que concordar. E isso limita muito as ações. São tantas restrições, você precisa preencher tantos requisitos, que quase nenhum município em Goiás se enquadrou nessa normativa. Então, ela não foi nem para resolver. Foi para tentar acalmar o campo, mas infelizmente não trouxe alento nenhum.

4 Enquanto a soja apertou margens, a pecuária de corte, o etanol de milho e o sorgo ganharam espaço em Goiás. A diversificação foi o que segurou o agro goiano em 2026? Ela é um caminho para todos ou só para quem tem escala e capital?

Sem dúvida nenhuma, a diversificação é extremamente importante. Quando um produtor planta soja, milho, cana-de-açúcar e sorgo, e mexe com pecuária de corte ou leiteira, a primeira coisa que acontece é que ele irriga o seu caixa durante o ano, em diferentes momentos, em diferentes períodos. Quanto mais eu irrigo o meu caixa, menos vou ao mercado financeiro captar recursos. Só isso já mostra a importância. Segundo, é muito raro todas as atividades entregarem um péssimo resultado. Hoje a soja está boa, amanhã está ruim; hoje a pecuária de leite está boa, amanhã o resultado já está ruim. Navegando em mais de um desses cenários, você tem maior resiliência. Logicamente, a complexidade do seu negócio muda bastante, a sua sofisticação muda bastante, e a sua gestão tem que ser muito boa. Senão, você começa a confundir o fluxo de caixa de um setor com o de outro e pode estar sangrando um setor que está dando resultado para sustentar um setor com resultado lastimável. Sim, é uma saída, mas a diversificação precisa vir junto com gestão.

5 A eleição terminou com Lula reeleito, uma bancada ruralista que apoiou o adversário e um Congresso de perfil conservador. Na sua avaliação, a relação entre governo e agro tende a ser

de confronto, de negociação pontual ou de pragmatismo?

As entidades do agro não podem ser reféns de partido nenhum, de político nenhum. Obviamente, você tem o viés político, o matiz político que mais te agrada, que mais comunga com seus ideais, com a sua visão de mundo. Mas nós, como entidade representativa do produtor, e todas as entidades representativas dos produtores, somos obrigados a negociar com quem está à mesa. A ausência na mesa, a não negociação, deixa um espaço político aberto. Esse espaço vai ser ocupado por alguém, e pode ser ocupado por uma pessoa que tem uma visão completamente distorcida da sua operação. Então, a eleição passou. O foco agora é negociar com o governo que foi eleito e que vai tomar posse para os próximos quatro anos. Pragmatismo é o nome do jogo: fazer o que é importante para melhorar o setor, desenvolver o setor, trazer crescimento ao setor, o que consequentemente traz desenvolvimento, emprego e renda para o Brasil. Ou seja, todos ganham. O que aconteceu ficou no passado. Não existe mágoa. O setor não é refém de ninguém; ele existe para proteger os seus integrantes, os seus produtores. E é isso que as entidades representativas devem fazer: negociar com quem está à mesa agora, independentemente do lado que você apoiou.

6 Quais pautas o setor deveria levar a Brasília já no início de 2027? Seguro rural, endividamento, segurança jurídica e infraestrutura, por exemplo? E o que o produtor goiano pode esperar do governo estadual no segundo mandato de Daniel Vilela?

Vamos começar a responder do fim para o começo. Daniel Vilela é de uma família de produtores, é do Sudoeste Goiano. Em Goiás, a cultura agro é extremamente forte. Então, o que o setor produtivo pode esperar, e espera, do governador é uma relação transparente e proativa com o setor, discutindo medidas que possam ajudar o produtor a crescer para gerar emprego, renda e desenvolvimento no estado. Simples assim: grande produção atrelada à industrialização. É isso que o produtor espera, para ter uma demanda crescente pelos seus produtos. E ele vai produzindo mais, e o custo do produto cai. Quanto mais eu produzo, menor é o custo do produto. Eu fico mais competitivo, vendo esse produto com maior facilidade, alimento o meu caixa, invisto no meu estado e faço o meu estado crescer. Em contrapartida, com maior oferta de produtos, os preços caem para a população. Então, é isso que a gente espera do governador: que seja proativo, muito próximo e tenha uma interface positiva com o setor. Não só no discurso, mas presente nas discussões importantes do setor agro, das quais o estado tem que participar. Quanto ao governo federal, o principal ponto no curto prazo é esse alto endividamento. É inacreditável o alto endividamento de vários setores. A gente está falando do agro, obviamente, porque o nosso canal aqui é o agro, mas dê uma olhada no endividamento das famílias bate recorde. Endividamento das empresas, recorde. Endividamento da indústria é recorde. Ou seja, o grau de inadimplência está explodindo em vários setores da sociedade. O endividamento não é o problema; ele é o reflexo do problema. O problema são os juros extremamente elevados e uma conta pública desequilibrada, que nós precisamos equilibrar. Senão, vamos deteriorar rapidamente todo o setor produtivo do estado de Goiás e do Brasil.

7 A Selic começou a cair e o Plano Safra veio com juros menores, mas ainda em patamar alto. Com o quadro eleitoral definido, o produtor pode planejar 2027 contando com crédito mais barato? Ou o risco fiscal pode interromper esse ciclo?

A verdade é a seguinte: ninguém sabe o futuro, mas é pouco provável que a gente tenha juros mais baratos, até porque o grau de endividamento é muito elevado. Com o grau de endividamento muito elevado, o risco também é muito elevado. E, com as contas públicas em desequilíbrio, é muito pouco provável que essa taxa de juros continue a cair no ritmo em que vinha caindo. Nós precisamos primeiro arrumar a casa, para depois

> “O foco agora é negociar com o governo que foi eleito e que vai tomar posse para os próximos quatro anos. Pragmatismo é o nome do jogo”

a taxa de juros cair e, aí sim, os empresários rurais terem acesso a juros mais competitivos. Eu não tenho esperança para 2027, e, na minha visão vai ser extremamente difícil para a captação de recursos no mercado financeiro. Extremamente difícil. O fluxo de caixa para os empresários rurais e urbanos será um dos grandes desafios para o próximo anol.



André Costa

8 O El Niño deste ano é tratado como forte a muito forte, e o plantio em Goiás só ganhou ritmo no fim de outubro. Daqui até a colheita, quais riscos ainda estão no radar??

O El Niño afeta o estado de Goiás de forma bem diferente de região para região. Quando a gente pega o Centro-Norte goiano, a divisa com a Bahia, a divisa com o Tocantins, o Noroeste do estado, a tendência é termos veranicos maiores. Mas, quando vou para o Sudoeste Goiano, Rio Verde, Jataí, região muito próspera na produção, o clima está sendo muito bom. Obviamente, há uma estiagem ou outra, mas plantou-se na janela ideal, a soja está se desenvolvendo bem e está tendo chuvas com alta temperatura. Ou seja, é o mesmo fenômeno, o mesmo El Niño, com consequências diferentes. Quem está do paralelo 18 para cima vai ter uma chance maior de altas temperaturas e veranicos maiores. Se você está do paralelo 17 e meio, 17 para baixo, é mais umidade e menos períodos de estiagem. Então, o Sudoeste Goiano deve sofrer muito pouco; o Centro com alguma preocupação; e o Norte do estado, o Noroeste goiano, o Nordeste goiano, as áreas de expansão da agricultura, ali a gente tem que ter muito cuidado com o que vai acontecer. Enquanto algumas cidades do Sudoeste já terminaram de plantar, o Norte goiano e o Nordeste goiano estão com 30%, 40% plantados. Ou seja, há uma diferença enorme dentro do mesmo estado, de região para região. E, daqui até lá, a gente tem que estar muito atento ao período de estiagem com alta temperatura e até mesmo à colheita com excesso de chuva. Por quê? Porque são efeitos diferentes em diferentes regiões do estado de Goiás. Numa determinada região eu vou ter um período de colheita extremamente seco; na outra, vai ser muita chuva. E esse é o desafio do produtor rural, que sempre tem que estar acompanhando.

9 A janela do milho safrinha depende da colheita da soja. Qual é o risco real para a segunda safra em Goiás em 2027? O sorgo e demais alternativas entram como plano B ou já são estratégia?

Conforme falamos, o plantio no Sudoeste Goiano foi muito rápido. Então, a gente vai colher a soja cedo e vai plantar o milho segunda safra na janela ideal. Mas isso vale para todo o estado de Goiás? Não, não vale. Isso vale para algumas regiões do estado: o Sul e o Sudoeste Goiano, onde o plantio foi mais cedo, principalmente o Sudoeste. No Médio-Norte de Goiás, o plantio está atrasado. Então, depende muito da região em que você está, mas, na grande maioria do estado, o plantio do milho segunda safra vai, sim, ocorrer dentro da janela ideal, e devemos ver crescimento da área plantada de milho. O sorgo vai ganhar área, até porque o plantio de soja nas áreas que vão ser semeadas com sorgo já está quase na metade. Ou seja, em poucos dias terminaremos o plantio da soja, e haverá área apta para plantar tanto o milho quanto o sorgo. Logicamente, o milho você planta primeiro. Outra cultura que está crescendo constantemente, e à qual a gente tem que ficar muito atento, é o girassol. Então, quando olho a área plantada de milho, sorgo e girassol em Goiás, os números são promissores.

10 O seguro rural ficou fora do pacote principal do Plano Safra. Sem esse amparo, o que o produtor médio goiano pode fazer, na prática, para proteger a renda contra o clima?

O seguro rural é extremamente importante para garantir renda e segurança ao produtor rural. É verdade que ele ficou fora do pacote, mas há seguradoras privadas que fazem o seguro. O produtor tem que analisar muito cuidadosamente esse número: quanto vai investir nisso e se vai ou não investir. Em algumas regiões, mesmo com um custo mais elevado, é importante demais fazer um seguro agrícola para proteger a renda. Isso não é para dar lucro; é só para evitar que o produtor entre numa situação financeira muito delicada. E, quanto mais ao Centro-Norte do estado, mais desafiador é. Se você planta em áreas de baixa altitude, onde as temperaturas são maiores, ou em áreas com um pouco mais de teor de areia, o seu risco é maior. Então, você tem que se proteger, mesmo sem ser privilegiado pelo Plano Safra. Existem companhias que vendem seguro agrícola; o produtor tem que procurar essas companhias e analisar a relação custo-benefício. Na grande maioria das vezes, essa relação é favorável, e é recomendável fazer esse seguro rural, esse seguro agrícola.



André Costa

11 Estados Unidos e China estenderam a trégua comercial até janeiro, mas a soja americana segue sobretaxada. Com uma safra brasileira que pode bater recorde, o Brasil mantém a preferência chinesa ou o produtor deve se preparar para prêmios mais baixos no primeiro semestre?

Os prêmios têm tendência de ser mais baixos se a nossa safra for boa. Temos que lembrar que nem toda a safra de soja goiana foi plantada. Grande parte do estado já semeou, mas há uma área enorme a ser semeada, e a soja ainda tem que se desenvolver, crescer. Ela tem um longo caminho a ser percorrido. A mesma coisa com o milho segunda safra. Falando especificamente da soja, se tivermos uma grande safra no Brasil, a tendência é, sim, de prêmios para baixo. Agora, se tivermos quebra de safra em alguma região do Brasil, e que sejam quebras importantes, de 10 milhões de toneladas, 6 milhões de toneladas, 5 milhões de toneladas, os prêmios reagem para cima porque a disponibilidade do produto é menor. Então, em condições normais de temperatura e pressão, de uma safra normal, a tendência é, sim, de os prêmios recuarem. Mas ainda está muito longe para a gente fazer previsão. Daqui até a colheita há muito sol e muita lua para passar, e, no fim do dia, vai depender muito do que a mãe natureza nos reservar. O melhor caminho não é deixar para o último momento para vender ou travar seus custos, seus prêmios. Conforme o mercado vai se desenvolvendo, a sua soja no campo vai se desenvolvendo, e você vai vendo a soja se desenvolver em todas as regiões do Brasil, vai criando estimativas de safra e vai se posicionando degrau a degrau para tentar construir um preço médio saudável.

12 Soja e milho vivem fundamentos distintos: estoques globais folgados de um lado, mais apertados do outro. Como o produtor deve conduzir a comercialização da safra 2026/27? É hora de travar preço ou de esperar que o El Niño mexa nas cotações?

A comercialização não é uma receita de bolo para todos. Há inúmeras diferenças entre produtores. Produtores extremamente capitalizados, que plantam em área própria, estão pouco endividados, têm áreas de altíssima qualidade e com excelente localização fazem gestão de risco. Eles têm uma meta de rentabilidade a ser atingida. Já um produtor que está em outra região, mais baixa, de 450, 500, 550 metros, onde a terra não é tão argilosa, as temperaturas são mais altas e a pluviometria é menos favorável, e que é arrendatário, tem um risco maior. Então, tem que tomar muito mais cuidado na gestão e ser mais cauteloso nas fixações. É a mesma cultura, é o mesmo estado, mas são realidades de produtor diferentes. Então, para cada produtor há uma estratégia. O que a gente recomenda para a grande maioria é fazer vendas escalonadas. Quando você faz vendas escalonadas, a chance de errar é menor. Agora, a gente só vende quando tem o custo de produção na mão e vê que vai ter margem; aí você trava antecipadamente. Esse é o melhor caminho: com o custo de produção na mão, quando tiver margem, ir fechando a sua soja degrau a degrau.

13 O acordo Mercosul-União Europeia está em vigor desde maio. Que ganhos concretos ele já trouxe ou pode trazer para Goiás, sobretudo na carne bovina? E até que ponto as exigências socioambientais europeias limitam esse acesso?

O acordo União Europeia–Mercosul favoreceu fortemente a União Europeia e, depois do acordo assinado, ela instalou algumas salvaguardas para os seus produtores. Ou seja, tentou proteger o seu mercado. No fim do dia, não foi um bom acordo para o Brasil, mas era melhor do que não ter acordo. Por quê? Porque, quando o europeu começa a proteger muito o seu mercado, o custo do produto no mercado interno fica muito maior que o do produto vindo de outras regiões do mundo. Ou seja, o consumidor europeu vai pagar cada vez mais caro por um produto, e essa pressão começa a incomodar a União Europeia. Então, no médio e longo prazos, a gente vai quebrando as barreiras. Toda vez que se faz um acordo comercial, nas primeiras tra-

> **Vamos primeiro ficar melhores para depois ficarmos maiores. E um dos sinais de que você está ficando melhor é um grau de endividamento muito baixo.**

tativas, todo mundo põe uma série de barreiras. Depois, por meio de negociações e do acesso mútuo a mercados (a União Europeia quer acessar determinados mercados no Brasil), a gente vai negociando e quebrando essas barreiras. A grande vantagem é que o produtor rural brasileiro é um dos mais competitivos do mundo. E a questão ambiental, na grande maioria das vezes, era utilizada como um manto protecionista. Mas, mesmo nessa área, nenhum país do mundo protege o meio ambiente como o agro brasileiro o faz: desde a reserva legal até brigadas contra incêndios, brigadas aéreas, brigadas terrestres, plantio direto, rotação de culturas, duas safras na mesma área no ano. Ou seja, são enormes os exemplos de que o agro consegue produzir e proteger o meio ambiente. Quem critica muito isso no agro está muito distante da realidade do agro. Escuta muita notícia, mas conhece muito pouco. O agro é extremamente responsável, extremamente competitivo, e isso, no decorrer do tempo, obriga os parceiros internacionais do Brasil, mesmo sem querer, a abrir seus mercados para ter acesso a produtos de altíssima qualidade e custo baixo. Então, por enquanto, o acordo União Europeia–Mercosul traz muito poucas oportunidades, mas, quando olhamos para os próximos cinco a dez anos, ele é muito promissor.

14 Em janeiro, a CBS entra em vigor e o produtor pessoa física passa a ter de decidir se será ou não contribuinte do novo sistema. Que decisões ele precisa tomar ainda em 2026 para não ser pego de surpresa?

É extremamente importante o produtor procurar, primeiro, um bom profissional da área de contabilidade, que entenda profundamente o que vai ser implementado a partir de 1º de janeiro. No caso do produtor rural, a Confederação Nacional da Agricultura, em negociação com o Congresso Nacional, conseguiu uma grande vantagem. O produtor que faturar até 3,6 milhões de reais por ano, por CPF, fica isento de aderir à reforma tributária. Ele vai aderir se quiser; ele é imune à reforma tributária. Isso abrange mais de 90% dos produtores rurais brasileiros. Ou seja, mostra que as entidades de classe trabalham, sim, fortemente para defender o produtor rural. O Sistema Faeg/Senar/Ifag faz parte do grande Sistema CNA, e essas entidades, juntas, conseguiram proteger mais de 90% dos produtores. Isso foi muito importante. Mas, para quem está fora dessa faixa de isenção, o caminho é buscar rapidamente um bom profissional e se abastecer de informações, até porque as normativas estão mudando constantemente. Uma normativa publicada ontem pode ser alterada hoje. Por isso, é importante ter um profissional de qualidade ao seu lado.

15 Para fechar: se o senhor tivesse de desenhar 2027 para o produtor goiano, qual seria o cenário mais provável, o maior risco e a melhor oportunidade? E que conselho daria a quem está fechando agora o planejamento da próxima safraa proteger a renda contra o clima?

Bom, como a gente falou, grande parte do setor está extremamente endividada, com um serviço da dívida muito pesado. O principal foco agora é plantar a safra muito bem, fazer os tratos culturais, dedicar-se ao máximo para ter uma grande produtividade. Obtendo uma grande produtividade, o foco é reduzir drasticamente o endividamento agrícola. Vocês precisam reduzir rapidamente o endividamento, cessar o investimento e priorizar a liquidação do passivo. Vamos primeiro ficar melhores para depois ficarmos maiores. E um dos sinais de que você está ficando melhor é um grau de endividamento muito baixo. Dito isso: esmero no plantio, esmero na condução da lavoura. Uma oportunidade é que a alta da moeda norte-americana está trazendo preços melhores para alguns produtos. Então, você tem a chance de ter uma margem melhor e, ao ter essa margem melhor, foque em reduzir drasticamente o seu endividamento. Se conseguir fazer isso, os próximos anos serão promissores para o seu negócio. O calcanhar de Aquiles dos produtores rurais hoje é esse grau de endividamento, que precisa ser sanado.

A multiplicação dos queijos de Karol

As receitas diferenciadas proporcionaram um investimento em mais vacas de leite, o aumento da produção e o acompanhamento para se tornar uma agroindústria

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br



Karol Fernanda começou o negócio com 10 litros de leite, após um curso do Senar Goiás

Divulgação

Uma trança de muçarela recheada com goiabada. Outra preparada com vinho. Queijos coloridos com corante natural de urucum e versões trufadas com requeijão e damasco. As combinações que hoje despertam a curiosidade dos clientes de Karol nasceram de uma descoberta inesperada. Em 2022, ela participou de um curso de derivados do leite do Senar Goiás sem imaginar que encontraria ali uma paixão capaz de transformar sua rotina e abrir novas possibilidades de renda no campo.

"Fui fazer um curso sem nenhuma intenção de vender alguma coisa. Fui só para, como se diz aqui, completar a turma. E aí fui lá. Deus já tinha escrito que eu seria apaixonada pelos queijos, como sou hoje", conta Maria Karoline Fernanda Balbino Aguiar, conhecida como Karol.

Em casa, ela começou a colocar em prática o que havia aprendido, utilizando apenas 10 litros de leite. As primeiras peças eram pequenas tranças de muçarela, vendidas ainda sem muita experiência com peso e cálculo de preços.

"Fui fazendo, fui me aprofundando, fazendo em casa, com 10 litros de leite, e comecei minha primeira venda com as trancinhas tão pequenininhas, sem saber peso, sem saber nada", lembra.

A experiência despertou o desejo de inovar. Em vez de se limitar às receitas tradicionais, Karol passou a pesquisar possibilidades e testar ingredientes. Uma das primeiras ideias foi rechear a trança de muçarela com goiabada. O resultado exigiu várias tentativas, mas ela conseguiu chegar à combinação que imaginava.

"Eu tive um sonho em fazer uma trança trufada com goiabada. Teve vários erros até chegar onde eu queria, mas consegui colocar a goiabada dentro da trança", relata.

A partir daí, novas receitas foram surgindo. Karol desenvolveu tranças no vinho, muçarelas trufadas, nozinhos temperados e queijos recheados. Também criou uma versão colorida com urucum, depois de perceber que os corantes disponíveis no mercado eram caros e vendidos em quantidades incompatíveis com sua pequena produção inicial.

O queijo com requeijão e damasco e a combinação com geleia de pimenta, feita por ela, também estão entre os produtos que chamam a atenção dos consumidores. A criatividade se tornou uma característica do negócio, mas cada novidade exige pesquisa, testes e ajustes até que a receita fique como Karol deseja.

O aumento das vendas trouxe outra necessidade: entender se os preços cobrados eram suficientes para cobrir os custos e remunerar o trabalho. Quando começou a receber Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás, na área de agroindústria, Karol já tinha clientes que compravam regularmente e encomendas para festas. Ainda precisava, porém, aprofundar o controle financeiro.

O acompanhamento é realizado pela técnica de campo Nayara Corrêa, que orienta a produtora na gestão da atividade, na organização das informações e no cálculo dos custos de produção.

"No início, a precificação ainda era muito superficial. Às vezes, ela comparava com o mercado ou com o preço da vizinhança. Trabalhamos muito a questão da precificação, para ela conhecer o custo real de produzir cada quilo de queijo. Foi um diferencial muito grande, porque ela conseguiu enxergar o valor do próprio produto", explica Nayara.

Outro avanço foi o controle das receitas e despesas. A produtora passou a registrar as movimentações em um caderno, o que permite acompanhar os resultados e identificar para onde os recursos da atividade estão sendo destinados.

"Ela tem o caderno dela impecável. Essa gestão mostra o resultado. Ela até brinca que ela e o marido não tinham noção do quanto recebiam. O planejamento se tornou ainda mais importante com o crescimento da produção de leite. A família precisa considerar os gastos com o rebanho, a compra de insumos e o volume de leite destinado à fabricação dos queijos. Com os registros, fica mais fácil calcular os custos e reservar os recursos necessários para manter a atividade", afirma a técnica.

Nayara também destaca a capacidade de Karol de aproveitar a mesma base de produção para criar diferentes produtos. A variedade amplia as opções oferecidas aos consumidores e permite agregar valor à massa filada, utilizada na fabricação de queijos, como a muçarela.

"Ela vende muito bem a muçarela trançada, mas não ficou só nela. Com a massa filada, faz queijos recheados, temperados, coloridos e trufados. Ela consegue agregar mais valor à mesma massa com essas variações e testa bastante até acertar o ponto", observa.

Os queijos são vendidos diretamente aos consumidores de Silvânia e também preparados sob encomenda para eventos. O trabalho também é divulgado no Instagram por meio do perfil @queijoskarolfernanda. A clientela conquistada reforça a decisão de continuar investindo no negócio.



Técnica de campo do Senar Goiás, Nayara Corrêa, e a empreendedora Maria Karoline Fernanda Balbino Aguiar

Divulgação

A produção acontece na propriedade rural onde ela vive com o marido e os dois filhos, de sete e nove anos. As crianças participam dos cuidados com as vacas leiteiras, conforme a rotina da família, e são incentivadas a conhecer as atividades do campo e a importância da continuidade do trabalho rural.

"Para as mulheres do campo, é um privilégio muito grande. Trabalho na minha casa, tenho o privilégio de buscar e levar meus filhos para a escola e almoçar com eles", conta.

A capacitação e a Assistência Técnica e Gerencial foram possíveis graças à parceria entre o Sindicato Rural de Silvânia e o Senar Goiás. A iniciativa permitiu que Karol tivesse acesso tanto aos cursos de formação quanto ao acompanhamento necessário para aprimorar a gestão da atividade.

"Hoje, agradeço imensamente ao Senar Goiás, ao Sindicato de Silvânia e a Nayara, porque ela trouxe muitos conhecimentos. É a forma de calcular tudo certinho, para entregar qualidade e ter um bom preço. Sou muito grata por tudo que o Senar me proporcionou", afirma.

"O sonho é só crescer. Ainda vou fazer minha agroindústria, se Deus quiser. E o Senar Goiás vai estar sempre presente comigo, onde eu for. Sempre no meu coração. E quem deseja encontrar possibilidades de renda procure o Sindicato Rural do seu município, conheça os cursos a assistência técnica. É tudo gratuito e dá muito certo quando se tem vontade de melhorar", conclui.



Karol diz por trabalhar em casa, tem o privilégio de buscar e levar os filhos para a escola

Divulgação

Calor preocupa mais que a chuva

El Niño de força histórica deve elevar as temperaturas em todo o Estado. Para produtores e especialistas, estresse térmico e distribuição de chuvas vão definir produtividade da soja e do milho

Realle Palazzo-Martini I realle.martini@ifag.org.br

O El Niño em formação no Oceano Pacífico caminha para ser historicamente o mais forte já medido, e em Goiás especialistas apontam o termômetro como o maior risco da safra 2026/27. Os modelos indicam temperaturas máximas até 1,5 °C acima da média em todo o Estado, início lento das chuvas e volumes menores no Nordeste goiano e no Entorno do Distrito Federal até dezembro. O total de chuva deve bastar para a soja. O que preocupa é a distribuição, somada ao calor.

"O problema é a temperatura", alerta Charles Peeters, engenheiro agrônomo, 2º vice-presidente da Aprosoja-GO, produtor de grãos e gado de corte em Montividiu. Da experiência de quase quatro décadas de atividade no Sudoeste, ele acredita que uma lavoura bem conduzida aguenta 15 dias sem chuva. "Acima de 35 °C, a soja sente muito o calor", afirma. A memória recente pesa. "Os bolsões de seca aconteceram com a gente em 2023/24, e a nossa média foi menor. E não foi um super El Niño, foi moderado", lembra o produtor.

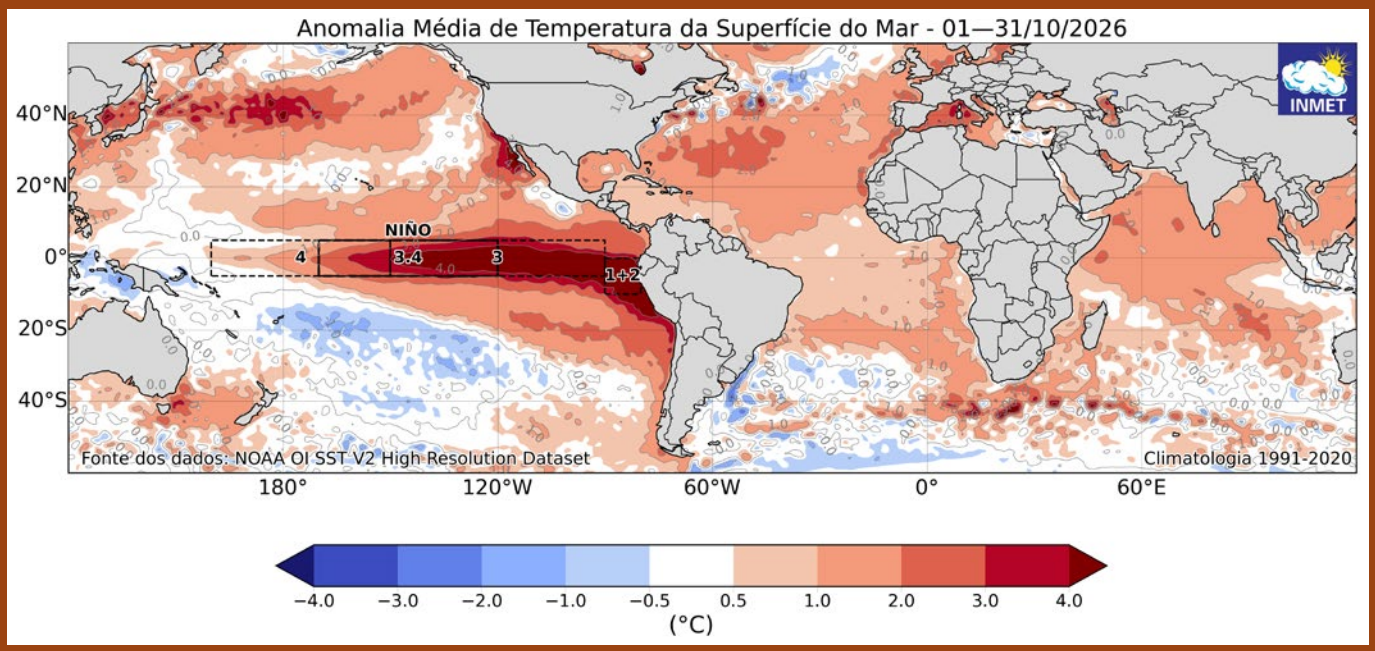
Análise da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) segue a mesma linha. "Nossa principal preocupação não está necessariamente no volume acumulado de chuvas, mas em sua distribuição ao longo do ciclo, sobretudo durante a floração e o enchimento de grãos", afirma o assessor técnico da entidade, Lucas Lopes.

Sinais difusos

Em setembro, a anomalia de temperatura do mar na região Niño 3.4 chegou a +2,08 °C, a segunda maior para o mês desde 1950, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Na atualização divulga-



André Costa



Inmet



Charles Peeters, produtor em Montividiu e 2º vice-presidente da Aprosoja-GO, alerta que o estresse térmico é o que mais preocupa, no caso da soja

Divulgação

da em 21 de outubro, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) projeta anomalias de +3,7 °C em novembro e +3,8 °C em dezembro, muito acima do recorde anterior, de +2,6 °C, registrado entre 2015 e 2016.

Os números da OMM confirmam o que o professor Rafael Batistti já via nos modelos da Estação Agrometeorológica da Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Ele anfatiza que, na safra 2026/27, as previsões são de chegar a 3,5 °C, valor nunca antes registrado. "O El Niño está firmemente estabelecido e se fortalecendo rapidamente", resumiu a secretária-geral da OMM, Celeste Saulo, em comunicado no início de outubro.

Em Goiás, porém, o fenômeno não dita sozinho as chuvas. "O El Niño é apenas um dos fatores atuantes em Goiás", explica Batistti. Outubro, diz o professor, veio melhor que o esperado, e os modelos apontavam mais de 160 milímetros para novembro em todo o Estado. "Os acumulados previstos para novembro, dezembro e janeiro são bons, e as simulações de produtividade não indicam maiores penalizações em anos de El Niño."

A semeadura da soja, liberada em 20 de setembro por antecipação da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), cobria cerca de 26% da área em meados de outubro, acima da média de cinco anos, segundo dados da Conab, avanço concentrado no Sul e no



Possíveis atrasos na colheita da soja podem empurrar o plantio das sementes de mkilho para seca

Wenderson Araújo

Sudoeste. Na fazenda de Peeters, a soja já está toda no chão. "A gente arrisca bastante no começo", admite.

O plantio no Sudoeste de Goiás acontece tradicionalmente mais cedo do que nas demais regiões, e Lucas Lopes faz uma ponderação sobre a pressa: "A autorização fitossanitária não significa que todas as regiões apresentem condições edafoclimáticas favoráveis ao plantio". O professor Batistti ratifica: "É importante realizar o plantio com boa umidade e apoiado em previsões de chuva no curto prazo".

Safrinha no horizonte

O El Niño deve atingir seu pico entre dezembro e janeiro e persistir até meados de 2027, segundo Batistti, com calor prolongado e efeito incerto sobre as chuvas. Já Peeters lembra que, se faltar água em abril e maio, até mesmo o milho semeado cedo perde produtividade.

O cereal, aliás, vem ganhando peso na conta do Estado. A Conab projeta 12,4 milhões de toneladas de milho em Goiás, uma alta de 19,7%, puxada pelas usinas de etanol. Para a soja, a previsão bate 20,3 milhões de toneladas. Como a safrinha depende do calendário da leguminosa, atrasos na colheita vão empurrar o milho para a seca.

Mas nada disso tira o produtor goiano do rumo. A cada safra, ele volta ao campo como quem já fez as pazes com o céu. Sabe que não manda nele, mas também não esmorece. "O agricultor é otimista por natureza. Todo ano vai ter alguma dificuldade, e a gente tem que saber gerenciar risco", diz Peeters.

Mesmo com talhões que perderam a palhada no fogo no ano passado, o produtor de Montividiu mantém a aposta. "Estou otimista, sim, como sempre, de que vai ser uma safra razoável para a nossa região." A conta inclui a segunda safra: se a soja render menos, o milho entra mais cedo e nutre a esperança. "O agricultor renova a expectativa a cada plantio. A gente está sempre virando a página do passado. Bola pra frente que vai dar tudo certo."

Wenderson Araujo

Solo bem cuidado aguenta o calor

Na fazenda de Charles Peeters, em Montividiu, o plantio direto completa 36 anos e a integração lavoura-pecuária, com milho consorciado à braquiária, chega a 27. O produtor trata o manejo do solo como "condição de sobrevivência" do negócio. "A perpetuidade do negócio depende desse manejo contínuo", afirma. A base, diz, é o perfil corrigido com calcário e o alumínio zerado até um metro de profundidade. "Os solos têm que estar corrigidos em profundidade, para a raiz conseguir descer e buscar água."

A palhada completa a defesa, ensina o engenheiro agrônomo. Ela melhora a infiltração, reduz a evaporação e alimenta a vida do solo. "Atividade biológica maior é mais vida do solo, mais saúde, mais resistência e mais resiliência a períodos de dificuldade", diz. Peeters já usa mix de plantas de cobertura no milho safrinha, como girassol com braquiária, e planeja incorporar a crotalária. Biológicos aplicados no sulco ajudam a controlar nematoides e fusário e a manter as raízes sadias.

A Faeg recomenda o mesmo caminho: plantio direto, controle da compactação, adubação baseada em análise de solo e expectativa realista de produtividade. "O manejo deve priorizar a conservação da umidade e o desenvolvimento adequado do sistema radicular", orienta Lucas Lopes. Calor combinado a períodos chuvosos acelera o ciclo e aumenta a pressão sanitária, alerta o professor da UFG Rafael Batistti.

Risco diluído

Charles Peeters abandonou as variedades muito precoces de soja. As mais curtas da fazenda têm de 110 a 112 dias, e a maioria é de ciclo médio a tardio. "Em áreas mais frágeis, de solo mais arenoso, com mais cascalho, tem que ter soja mais tardia, que aguenta mais desaforo." Os especialistas da Faeg e da UFG consultados pela Revista Campo reforçam o escalonamento de datas e ciclos, para que a área inteira não floresça sob o mesmo veranico.

O posicionamento de cada material sai dos estudos. Peeters, que integra o Grupo Associado de Pesquisa do Sudoeste Goiano (Gapes), testa cultivares e produtos na própria fazenda, cruza os resultados com o histórico de cada talhão e janela de plantio. "Não existe receita de bolo", resume.

E a tecnologia entra para ajudar a decidir. A propriedade conta com estação meteorológica e sensores de umidade do solo para abastecer cálculos de balanço hídrico pela temperatura e pela data de plantio. Os dados obtidos ao longo dos anos reforçam, por exemplo, que aplicar produto em planta que pede água é uma decisão ruim.

Manter o sangue frio também é importante. Nos dias críticos, Peeters adia fungicidas e foliares até a chuva voltar. "Tudo que gera gasto calórico na soja quando ela está estressada piora a situação. Nessa hora, é melhor nem ir à fazenda e esperar a chuva." As cultivares atuais, observa, enraízam mais e se reidratam à noite, quando a temperatura cai.



Assessor técnico da Faeg, Lucas Lopes recomenda o plantio direto entre as medidas para conservar a umidade do solo

André Costa

André Costa

Perfil corrigido em profundidade, palhada e cultivares de ciclo mais longo formam a primeira defesa da lavoura contra o estresse térmico

Seguro, Zarc e previsão no radar

A ocorrência do El Niño de grande intensidade não deve afastar a observância do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc). O mecanismo segue como referência para a semeadura, mesmo em anos de Oceano Pacífico superaquecido. "Como o El Niño, por si só, não define o clima em Goiás, o Zarc deve ser utilizado da mesma forma que nos demais anos", recomenda o agroclimatologista da UFG, professor Rafael Batistti. O Zarc cruza dados históricos de clima, solo e cultura e é exigido em operações de crédito e seguro.

Lucas Lopes, da Faeg, destaca o seguro rural: "É um mecanismo importante para reduzir os impactos de perdas decorrentes de adversidades climáticas", afirma. Ele alerta para crédito mais caro e restrito, além de margens apertadas. Fertilizantes, defensivos, sementes, diesel e juros pedem acompanhamento mais de perto, ainda mais com câmbio volátil.

"Recomendamos que as decisões sejam fundamentadas no custo de produção por saca, na produtividade de equilíbrio, no fluxo de caixa e na capacidade de pagamento da propriedade", pondera. Se a receita ficar comprometida, o caminho é negociar com o banco dentro das regras do Manual de Crédito Rural.

Para o milho segunda safra, vale respeitar a data-limite do Zarc e escolher híbridos de ciclo compatível com a janela. Onde ela for curta, o sorgo pode ser alternativa, desde que haja mercado para o grão. "O sorgo possui mecanismos fisiológicos que lhe conferem maior tolerância à deficiência hídrica em comparação ao milho", explica Lopes.

Previsão em três tempos

"Como a tendência não é clara para Goiás, acompanhar a previsão é fundamental", diz Batistti. Ele sugere três escalas: horas, para alertas e pulverização; 7 a 15 dias, para plantio e irrigação; 3 a 6 meses, para o planejamento. Acompanhamento está disponível no Sistema Faeg/Senar, no programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), e nos sindicatos rurais. "Reforçamos a importância de buscar informações em fontes oficiais e manter contato com as equipes técnicas regionais", orienta Lopes.

O calor eleva ainda o risco de incêndio. "Em períodos de temperaturas elevadas e estiagens, a prevenção de incêndios rurais exige atenção redobrada", alerta o assessor. A Faeg recomenda fortemente aceiros em dia, vigilância nas áreas vulneráveis e cuidado nas operações com máquinas. Terraços conservados, cobertura permanente do solo e proteção de matas ciliares e nascentes completam a lista. Para Charles Peeters, a lição é se antecipar. "Fazer gestão de risco é se antecipar aos fatos."



Professor de Agrometeorologia da UFG, Rafael Batistti reforça que é preciso ficar atento aos impactos do El Niño, mas também outras variáveis, como o ZARC

Wenderson Araújo

Rafael Batistti

Ferramentas de zoneamento, seguro rural, controle de custos e informação de qualidade ajudam o produtor a proteger o caixa e a lavoura num ano de calor

Pasto recuperado, produção que cresce

Planejamento, cuidado com o solo e assistência técnica ajudam produtores de Rubiataba a melhorar as pastagens, aumentar a produção de leite e ter mais tranquilidade no campo

Leonardo Cunha I leonardo.junior@sistemafaeg.com.br

O pasto começava bem na época das chuvas, mas, poucos meses depois, já não era suficiente para alimentar o rebanho. As vacas perdiam peso, a produção de leite caía e o produtor precisava lidar com a falta de alimento. Em Rubiataba, no interior de Goiás, essa era a realidade do produtor rural, Leonardo Ventura, antes de reorganizar o manejo da propriedade com o acompanhamento da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás.

"Era aquela 'sanfona'", lembra o produtor, ao descrever a alternância entre períodos de boa oferta de pasto e momentos em que a alimentação do gado se tornava um problema.

A propriedade tinha pastagens de braquiária e capim Mombaça, mas poucas divisões e falta de planejamento na movimentação dos animais. Mesmo quando o capim estava alto, a presença de plantas daninhas e cupins e a coloração amarelada da pastagem chamavam a atenção para os problemas da área.

A mudança começou com a chegada da técnica de campo do Senar Goiás, Francielenh Moreira. A primeira medida foi fazer uma análise do solo para identificar as necessidades de correção e adubação. Em seguida, a família reorganizou a área destinada ao pastejo.

"No início do atendimento, após o levantamento da atividade, optamos por readequar as áreas de manejo. Os 12 piquetes existentes passaram a ser 26, e o manejo foi concentrado no capim Mombaça. A área utilizada para o pastejo, que antes tinha 11 hectares, foi reduzida para aproximadamente seis hectares", conta a técnica de campo.

Juliana Sussai / Embrapa

Diagnóstico, planejamento e acompanhamento das pastagens são aliados para boa produção leiteira

No início, a decisão causou preocupação. Como manter o mesmo rebanho em praticamente metade da área, se o pasto já costumava ficar baixo nos primeiros meses do ano? Segundo Leonardo, a técnica insistia para que a família confiasse no planejamento.

"Confia que vai dar certo", era a orientação que ele recorda ter ouvido durante o processo. A família seguiu as recomendações, que incluíram o uso de esterco, a correção do solo com calcário, a adubação de base e a aplicação de ureia após a saída dos animais dos piquetes, conforme a orientação técnica. Com o tempo, a rotina também passou a incluir análises do solo todos os anos e o acompanhamento das condições da pastagem para definir quando realizar a roçada.

Hoje, Leonardo conta que mantém de 48 a 55 vacas na área de aproximadamente seis hectares, dependendo da época do ano. Segundo ele, a oferta de capim melhorou a ponto de, em determinados períodos, sobrar pasto.

A família também passou a se preparar para os meses de menor crescimento da forrageira. Parte da área que deixou de ser utilizada para o pastejo foi destinada ao plantio de milho para produção de silagem, alternativa que ajuda a garantir alimento para os animais quando a chuva diminui.

Planejamento para produzir

A experiência de Leonardo não é a única. O produtor Selismar Rodrigues também encontrou no planejamento e no acompanhamento técnico caminhos para mudar a realidade da propriedade.

Quando começou a receber assistência, a pastagem estava degradada e a falta de organização dificultava o manejo do rebanho. Com as orientações técnicas do Senar Goiás, ele passou a realizar análises do solo e adotou o pastejo rotacionado, sistema em que os animais são conduzidos entre diferentes divisões do pasto, permitindo que a vegetação tenha tempo para crescer novamente. As mudanças vieram acompanhadas de melhorias no planejamento da propriedade, nos cuidados com a alimentação, na genética do rebanho e na qualidade do leite.

O principal indicador apresentado por Selismar é a produção diária. Antes, eram cerca de 40 litros de leite. Atualmente, a média informada pelo produtor é de 380 litros por dia. Quase 10 vezes maior que o registrado anteriormente.

O resultado chama a atenção, mas, para ele, a mudança não se resume ao aumento da produção. "A maior diferença que sentimos foi diminuir a quantidade de rebanho e aumentar a produção, fazendo uso de melhor planejamento e trato", afirma.

O relato reforça a importância de avaliar não apenas o tamanho do rebanho, mas também as condições de alimentação, o manejo e a organização da atividade. A quantidade de animais precisa ser compatível com a capacidade da propriedade de fornecer alimento durante o ano.

Atenção ao solo

A análise do solo é uma das ferramentas utilizadas para orientar a recuperação de pastagens. Ela ajuda a identificar necessidades de correção e adubação e evita que o produtor faça aplicações sem conhecer as condições da área.

Outro ponto importante é o manejo do pastejo. No sistema rotacionado, a divisão da pastagem permite organizar a permanência dos animais em cada área e o período necessário para o capim crescer antes de receber o rebanho novamente. O tempo de descanso, porém, deve acompanhar o desenvolvimento da forrageira e as condições de cada propriedade, e não seguir um calendário fixo para todas as situações.

Essas práticas precisam caminhar juntas. Apenas dividir o pasto não resolve, por si só, problemas de fertilidade do solo ou de falta de alimento. A recuperação depende da



Técnica de campo Francielenh Moreira e produtor Leonardo Ventura: reorganização da área permitiu aumento da produção de leite e parte foi utilizada para produção de silagem

Divulgação





Produtor Selismar e família viram produção de leite aumentar quase 10 vezes com adoção das recomendações feitas pela técnica para o pastejo

Divulgação

Divulgação

identificação das necessidades da área, da correção dos problemas e do acompanhamento dos resultados. É justamente nesse processo que a assistência técnica pode contribuir, ajudando o produtor a compreender a situação da propriedade, definir prioridades e organizar as ações ao longo do ano.

Resultado além dos litros de leite

Para Leonardo, uma das principais conquistas foi deixar de trabalhar sem saber como o pasto se comportaria nos meses seguintes. Com planejamento, a família consegue se preparar para os períodos de menor oferta de alimento e reduzir as oscilações na produção que enfrentava anteriormente. Selismar também destaca a diferença na organização da atividade e na capacidade de produzir mais com um rebanho menor.

"Encontramos nas propriedades duas realidades diferentes, mas com um mesmo desafio que é comum a muitos produtores que vivem da atividade no estado, uma necessidade comum em conhecer melhor a propriedade e tomar decisões com base nas condições reais do solo, do pasto e dos animais. Situação que o acompanhamento da ATeG do Senar Goiás, proporcionou aos produtores adotar práticas mais organizadas de manejo e planejamento", ressalta Francielenh. "Os resultados relatados mostram como mudanças na condução da atividade podem refletir na produção e na rotina de quem vive do leite."

Mais do que recuperar o capim, o desafio é manter a pastagem produtiva e garantir alimento para o rebanho durante o ano. Para isso, o diagnóstico, o planejamento e o acompanhamento técnico são aliados importantes na busca por uma pecuária mais organizada e sustentável.



Divulgação

Crédito de carbono ganha espaço, mas exige organização para virar renda

El Niño de força histórica deve elevar as temperaturas em todo o Estado. Para produtores e especialistas, estresse térmico e distribuição de chuvas vão definir produtividade da soja e do milho

Lucas Almeida I lucas.souza@sistemafaeg.com.br

Tony Oliveira

Práticas que já fazem parte da rotina de muitas propriedades rurais podem abrir uma nova possibilidade de renda no campo. Quando ajudam a reduzir emissões ou retirar carbono da atmosfera e atendem aos critérios exigidos, essas ações podem gerar os chamados créditos de carbono, que têm valor e podem ser comercializados.

Um crédito de carbono corresponde a uma tonelada de dióxido de carbono equivalente que deixou de ser emitida ou foi removida da atmosfera. Para chegar à comercialização, porém, a redução precisa ser mensurável e passar por processos de monitoramento e verificação. Segundo o consultor ESG do Senar Goiás, Ricardo Carneiro, práticas como recuperação de pastagens degradadas, Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), plantio direto, restauração de áreas, reflorestamento e utilização de biodigestores estão entre as atividades que podem apresentar potencial para projetos de carbono.

A possibilidade de geração do ativo depende das características e da metodologia de cada projeto. Entre os critérios apresentados pelo consultor estão adicionalidade, permanência, mensurabilidade e verificação independente. A propriedade também precisa apresentar regularidade ambiental compatível com as exigências do projeto.

Na prática, isso significa que adotar uma técnica considerada sustentável, isoladamente, não garante a emissão de créditos. O produtor precisa demonstrar o resultado obtido e manter registros capazes de serem verificados. “O produtor que já cuida bem da terra está a meio caminho. Falta transformar essa prática em protocolo, e



Tony Oliveira

ILPF é uma das práticas com potencial para gerar créditos de carbono

esse protocolo em ativo negociável", explica Ricardo.

Da propriedade até o mercado

O caminho para gerar um crédito começa pela avaliação da propriedade. De acordo com Ricardo, o diagnóstico considera fatores como uso do solo, histórico da área e situação ambiental. Em seguida, é estabelecida uma linha de base, utilizada como referência para medir a redução das emissões ou o aumento da remoção de carbono proporcionado pela atividade.

A implementação precisa ser acompanhada de registros. Notas fiscais, laudos, fotografias e mapas estão entre os documentos que podem integrar essa comprovação. Durante o projeto ocorre o chamado MRV, sigla para monitoramento, reporte e verificação. Dependendo da atividade, podem ser utilizadas amostras de solo, inventários florestais e sensoriamento remoto. Uma verificação independente confere posteriormente os dados apresentados.

Segundo o produtor de cana-de-açúcar e vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Enio Fernandes, essa necessidade de comprovação ajuda a explicar uma das dificuldades enfrentadas pelo produtor. "Descarbonização não importa só o que você faz. Eu preciso provar, eu preciso medir, é tudo documental. Às vezes, o produtor já está fazendo muito processo de descarbonização e não está recebendo nada porque não consegue comprovar", afirma.

Enio cita como exemplo o controle do consumo de diesel por talhão. Informações dessa natureza nem sempre foram registradas com o nível de detalhamento exigido por projetos ambientais. Na avaliação dele, produtores e profissionais das ciências agrárias historicamente concentraram os esforços na produtividade e agora precisam incorporar protocolos capazes de passar por auditorias.

A documentação também influencia o acesso dos pequenos e médios produtores. Ricardo aponta o custo de entrada, a complexidade das metodologias, o período necessário para obtenção do retorno e a ausência de garantia de preço como barreiras. Uma alternativa apresentada pelo consultor é a formação de projetos coletivos, nos quais diferentes produtores compartilham os custos envolvidos no processo.

Quanto vale?

O crédito de carbono não possui um preço único. Ricardo explica que a cotação varia de acordo com o tipo de projeto, certificação, rastreabilidade e características adicionais comprovadas. Riscos relacionados à continuidade da prática e problemas de verificação também podem afetar a avaliação do ativo.

Para o produtor, essa característica exige análise econômica antes de assumir compromissos. Ricardo recomenda atenção aos contratos, especialmente às cláusulas que estabelecem a propriedade dos créditos, o percentual destinado ao produtor e o período de duração do acordo.

O mercado brasileiro também passa por mudanças regulatórias. A Lei nº 15.042, de 11 de dezembro de 2024, instituiu o Sistema Brasileiro de Comércio de Emissões (SBCE). O sistema ainda depende de etapas de regulamentação e implementação. Por isso, os efeitos sobre preços e oportunidades futuras para os produtores ainda não podem ser tratados como definidos.

Enio avalia que a remuneração atual ainda é limitada diante do potencial discutido pelo setor. Para ele, a consolidação desse mercado ocorrerá de forma gradual. "Nós estamos iniciando esse mercado. No futuro, acredito que ele vai ser um dos mercados que vai trazer grande renda para os produtores", afirma.



Consultor ESG do Senar Goiás, Ricardo Carneiro recomenda análise econômica prévia e atenção aos contratos

Divulgação

A projeção representa a avaliação do produtor e dirigente rural. O retorno efetivo dependerá, entre outros fatores, do tipo de projeto, dos custos envolvidos, da quantidade de créditos efetivamente reconhecida e do preço obtido na comercialização.

Experiência da cana-de-açúcar

Entre as cadeias agropecuárias, a cana-de-açúcar acumulou experiência na redução de emissões e na produção de biocombustíveis. Para Enio, a organização da cadeia e a relação entre produtores e usinas ajudaram o setor a avançar nesse processo.

O produtor também associa essa evolução à busca por novas formas de remuneração e eficiência. O etanol ganhou importância dentro da política energética brasileira ainda no século passado e, posteriormente, passou a ocupar espaço crescente nas discussões sobre redução de emissões. "A cana saiu bem na frente porque é uma cadeia mais organizada. Ela tem uma estruturação muito forte entre usinas e produtores de cana, tem uma interdependência muito forte", explica.

As mudanças também chegaram ao sistema produtivo. Enio lembra que a redução da queima da cana exigiu adaptações na colheita e no manejo das lavouras. Ele cita ainda o controle biológico, o planejamento da fertilização e o uso de tecnologias de agricultura de precisão entre as práticas incorporadas pela atividade.

Outra característica apontada por ele é o ciclo da cultura. Após o plantio, a cana permite sucessivos cortes antes da renovação do canavial, o que reduz a frequência de revolvimento do solo.

A experiência da cana ajuda a mostrar como produtividade, gestão e indicadores ambientais passaram a compartilhar a mesma base de informações. Essa lógica também pode ser aplicada a outras cadeias, desde que as práticas atendam aos critérios estabelecidos para cada projeto.

Ricardo aponta oportunidades potenciais na pecuária, por meio da recuperação de pastagens e melhoria

do manejo; na produção de grãos, com práticas como plantio direto; em florestas plantadas; na suinocultura e avicultura, com tratamento de dejetos e biodigestores; e em sistemas agroflorestais.

Informação dentro da porteira

O avanço dessas oportunidades coloca a gestão das informações da propriedade entre as etapas necessárias para quem pretende avaliar a participação no mercado. É nesse ponto que o Senar Goiás busca atuar.

Segundo Ricardo, a instituição trabalha na capacitação relacionada a práticas de baixo carbono e na orientação para que produtores conheçam melhor as características ambientais e produtivas de suas propriedades. Entre os primeiros passos apontados pelo consultor estão manter o Cadastro Ambiental Rural (CAR) regular, conhecer as áreas de vegetação nativa, APPs e pastagens da propriedade, mapear as práticas já utilizadas e documentar o histórico das atividades.

Enio considera essa preparação especialmente relevante porque a documentação ainda é um gargalo inclusive em propriedades tecnificadas. "O Senar e a Faeg têm uma função fenomenal. Precisam ensinar essa metodologia aos pequenos e médios produtores e até mesmo aos grandes. Os grandes também documentam muito pouco", afirma. Para o vice-presidente da Faeg, a orientação sobre protocolos, medição e comprovação pode ampliar a capacidade do produtor de participar desses mercados à medida que eles se desenvolvem.

O primeiro resultado desse trabalho pode ocorrer antes mesmo da venda de um crédito. Ao organizar consumo de insumos, uso da terra, práticas de manejo e indicadores ambientais, o produtor passa a ter informações necessárias para avaliar se existe potencial econômico para um projeto e quais adaptações seriam exigidas.

Ricardo recomenda ainda cautela antes da assinatura de contratos. Como os projetos podem estabelecer compromissos de longo prazo, a orientação técnica ajuda a verificar metodologia, custos, responsabilidades e divisão das receitas.

O crédito de carbono, portanto, representa uma possibilidade de remuneração condicionada à capacidade de demonstrar resultados ambientais de acordo com regras verificáveis. Para o produtor interessado nesse mercado, o ponto de partida está na organização da propriedade, no registro das práticas adotadas e na avaliação técnica da viabilidade do projeto.



Larissa Melo

Lógica da cana-de-açúcar pode ser aplicada a outras cadeias e servir de inspiração para gerar créditos

Da palha de milho à saboaria

Cursos do Senar Goiás apresentam diversas possibilidades de lucro gastando pouco

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br

Há quase 20 anos, Marcilene Suriano vivia em um assentamento no interior de Goiás. Sempre muito ativa, sonhava em ter uma profissão. Em meio às várias tarefas de uma lida pesada, ansiava por uma oportunidade. E ela chegou de um jeito discreto, quando na época a trabalhadora do campo soube enxergar. Um curso de artesanato em palha foi oferecido na comunidade pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, Senar Goiás. A casa dela serviu de sede para as aulas e ela era a cozinheira responsável pela alimentação da turma.

"Eu tinha uma função. Mas, nos intervalos, antes do almoço e do lanche, eu corria lá e participava das aulas. Vi que tinha jeito para o artesanato e que tinha encontrado meu propósito. Depois das aulas, eu treinei, treinei, até ficar boa o suficiente para poder ensinar. E surgiu a oportunidade de me credenciar no Senar Goiás. Já são 18 anos como instrutora. Sou a prova viva de que conseguimos mudar nossa vida com artesanato", lembra Marcilene.

Em Silvânia, a Revista Campo acompanhou um dos cursos promovidos pelo Senar Goiás, por meio do Sindicato Rural do município. A turma estava lotada para o treinamento de Bolsas de Fibras Naturais e Artesanato em Palha de Milho.

"Esse treinamento, em específico, ensina a lucrar gastando muito pouco. Pega-se as palhas de milho da roça, do paiol ou do produtor rural que plantou. Você simplesmente faz uma seleção dessas palhas, depois faz um bastidor, que é o molde da bolsa. Nele, gasta-se pouquíssima madeira, que é barata, e alguns pregos. A partir desse bastidor, a gente vai umedecendo as palhas, torcendo umas nas outras e fazendo os cordões que darão origem a bolsas de vários modelos", explica Marcilene.

É o luxo daquilo que iria para o lixo. Ali, a turma buscava oportunidades de renda, estímulo para empreender, troca de experiências e diferentes possibilidades de superação. É o caso de dona Madalena Lima, que, no início, achou que não conseguiria fazer as bolsas. Mas descobriu que a idade não é um empecilho quando se tem determinação.

"No começo, eu pensei: 'Gente, fazer doce é muito mais fácil!' Fiquei com o pé atrás com essas palhas. Mas a Marcilene é muito boazinha, ela ensina com paciência. Tem que sempre superar os obstáculos que a gente encontra. Eu considero que estou indo bem melhor do que poderia imaginar. A gente não pode desistir na primeira tentativa", conclui.

Já Luiza Curado é uma artesã de mãos talentosas, que já vende suas peças na feira da Escola de Artes Casa Amarela. Dessa vez, ela une os conhecimentos à recuperação dos movimentos após sofrer um AVC isquêmico no cerebelo.

"Está me ajudando a recuperar meu ponto de equilíbrio, né? Então, isso aqui é como terapia, fisioterapia, retorno da mobilidade. É devagar e



Revana Oliveira

sempre, como a gente fala. Além de tudo isso, posso acrescentar parte do aprendizado ao que já faço e ter mais lucro", detalha, animada.

Depois de aprender a técnica, o prazo para confeccionar as bolsas é relativamente curto. As peças com poucos detalhes levam, em média, dois dias para ficar prontas. Já as mais elaboradas e maiores podem levar cerca de quatro dias. O custo de produção fica em torno de R$ 15, e lojas finas, que procuram peças exclusivas, chegam a pagar R$ 300, R$ 600 ou até o dobro por bolsas com adornos, como detalhes em crochê, couro e pedras.



Técnica mostra como o aproveitamento de resíduos como a palha do milho pode ser transformar em produtos de alto valor, como bolsas e sacolas

Revana Oliveira

O treinamento é assim como a palha de milho: depois de trabalhada com as técnicas certas, embeleza a vida de quem vive no campo e na cidade. "Eu estou muito animada. Quero trabalhar, criar as peças, poder mostrar o serviço. É um novo aprendizado e uma nova possibilidade de renda", planeja a aluna Josy Gondim.

O curso Bolsas de Fibras Naturais e Artesanato em Palha de Milho é gratuito e pode ser solicitado nos sindicatos rurais de todo o estado. "O pessoal é muito interessado e os cursos do Senar Goiás têm melhorado muito o artesanato, especialmente aqui em Silvânia. Nós sempre temos cursos aqui na nossa Escola de Artes. E esse, com o uso da palha de milho, é muito interessante. Traz várias possibilidades", reforça Romilda Freitas, gestora da Escola de Artes.

Ao longo dos três dias de curso, os participantes aprendem desde a seleção e preparação das palhas de milho até as técnicas de trançado e acabamento das peças. O treinamento também aborda o uso de fibras naturais na produção artesanal, o planejamento das etapas de trabalho e a montagem de bases de madeira, conhecimentos que ajudam a transformar uma matéria-prima acessível em peças artesanais com qualidade e potencial de comercialização.

Marcilene dá as aulas com a mesma disposição de quando começou. Ela acredita que todos podem transformar a palha em arte, assim como a vida em mais bonita. "A base que você aprendeu, você consegue usar para fazer jogo americano, esteira, qualquer tipo de bolsa, porque você só precisou aprender a base. É só praticar essa técnica que você aprendeu e voar", conclui.

Assista à reportagem em vídeo

Saboaria e oportunidade de negócio

O cheiro de um sabonete recém-produzido, a satisfação de ver o próprio trabalho ganhar forma e a descoberta de que algo feito pelas próprias mãos pode se transformar em fonte de renda. Para quem participa do curso Produção Artesanal de Produtos de Higiene e Limpeza, do Senar Goiás, cada etapa da fabricação abre espaço para novas possibilidades, seja para economizar nas despesas de casa, complementar o orçamento familiar ou até começar um negócio.

Em três dias de treinamento gratuito, os participantes aprendem a produzir sabão em barra e líquido, detergente, amaciante, desinfetante, limpa-alumínio e sabonetes artesanais. Também recebem orientações sobre os cuidados necessários durante a fabricação, o armazenamento e a utilização dos produtos, além de aprender a calcular os custos da produção.



Curso do Senar Goiás abre um leque de oportunidades para a mesma matéria-prima, de sabão e desinfetantes até sabonetes artesanais

Revana Oliveira

Costureira, Jakqueline Miranda chegou ao curso com planos de ampliar seus conhecimentos e, quem sabe, mudar de profissão. Entre as possibilidades que despertaram seu interesse estão produtos que fazem parte da rotina de praticamente todas as famílias.

"Focar pelo menos nos quatro produtos que eu achei bem interessantes, tipo o sabão líquido, o sabão em barra, o amaciante e o desinfetante. Eu hoje sou costureira e pretendo quem sabe mudar de profissão", conta.

A experiência mostra que não é preciso começar com uma estrutura sofisticada para aprender uma nova atividade. Com as técnicas adequadas, espaço apropriado e os cuidados de segurança necessários, a produção artesanal pode se tornar uma alternativa para quem deseja empreender sem precisar investir inicialmente em um estabelecimento comercial.

A instrutora do Senar Goiás Acdalma Silvestre, que atua há mais de dez anos na atividade, acompanha de perto as transformações que o treinamento pode proporcionar. Segundo ela, o curso permite que os participantes descubram habilidades, desenvolvam produtos com qualidade e enxerguem possibilidades de negócio que antes pareciam distantes.

"Dentro do estado de Goiás, nós temos vários participantes que hoje trabalham com produtos de limpeza, que ganham a vida fazendo produtos de limpeza", afirma.

Um dos diferenciais está na padronização da produção. Os alunos aprendem técnicas para elaborar produtos com características e qualidade consistentes, um cuidado importante para quem pretende comercializá-los. Acdalma explica que a fabricação artesanal também pode abrir caminho para a criação de uma marca própria, com identidade e características definidas pelo produtor.

"Produzir um produto de qualidade, que é um produto artesanal, a gente até tem legislação brasileira para isso, onde vai possibilitar essa pessoa vender a produção dela em feira. A gente consegue obter um produto com a nossa própria característica e a qualidade dele é superior. Então, quando você consegue imprimir a sua qualidade, você consegue ter uma marca", destaca.



Instrutora Acdalma Silvestre reforça a importância ambiental e sustentável durante o curso, além dos aspectos de segurança e cuidados

Revana Oliveira

A instrutora cita o exemplo de um participante do norte de Goiás, conhecido como seu Juquinha, que ampliou sua atuação no setor. Depois de fazer o treinamento, ele deixou de produzir produtos de limpeza para passar a fornecer e distribuir matérias-primas. O caso ilustra como o conhecimento adquirido pode abrir caminhos diferentes, conforme as oportunidades e os objetivos de cada pessoa.

Para quem já trabalha com vendas, o curso também pode ajudar a melhorar os resultados. A feirante Ana Paula Rodrigues conta que o aprendizado mudou a maneira como organiza sua atividade. "Mudou totalmente a minha logística. Por quê? Porque eu aprendi que eu posso ter mais economia e mais lucro", relata.

A experiência reforça a importância de conhecer não apenas as técnicas de fabricação, mas também os custos envolvidos. Durante o treinamento, os participantes aprendem a fazer o levantamento das despesas e a avaliar a viabilidade econômica da produção para consumo próprio. Esse conhecimento também ajuda quem pretende planejar a comercialização dos produtos.

Outro atrativo do curso está na possibilidade de reaproveitar materiais que, muitas vezes, seriam descartados. O óleo de cozinha usado, por exemplo, passa por um processo de purificação para ser aproveitado na fabricação dos produtos ensinados durante o treinamento.

O cuidado também tem importância ambiental. Quando descartado de maneira inadequada, o óleo pode contaminar a água e causar danos ao meio ambiente. Aprender a dar um destino diferente a esse resíduo é uma forma de aliar conhecimento prático à redução do desperdício.

"Uma das vantagens é o impacto ambiental. A gente pega óleo usado, faz um processo chamado purificação de gordura dentro do treinamento e limpa esse óleo, que seria descartado. A gente sabe que tem um impacto ambiental gigante em relação às águas e consegue reutilizar", explica Acdalma.

As embalagens também entram nessa proposta. Frascos e recipientes reutilizados são empregados no acondicionamento dos produtos, sempre observados os cuidados necessários para garantir a segurança e a conservação do conteúdo.

Segurança e cuidados

A sustentabilidade, porém, não se limita à fabricação. O curso aborda a importância de utilizar corretamente os produtos de limpeza disponíveis no mercado, respeitar as orientações de uso e evitar acidentes e intoxicações. Os participantes recebem informações sobre os riscos da manipulação e aprendem a adotar medidas de proteção durante todas as etapas da produção.

"É difícil fazer sabão? Não. É perigoso? Sim. Então, para isso vem a técnica da saboaria", ressalta a instrutora. A orientação é especialmente importante porque a fabricação exige atenção às matérias-primas, aos procedimentos e aos equipamentos de proteção individual. Aprender a técnica correta é fundamental para reduzir os riscos e produzir com segurança.

Os resultados do curso não aparecem apenas na possibilidade de economizar ou ganhar dinheiro. Para Acdalma, o convívio durante as aulas também ajuda os participantes a reconhecerem suas capacidades e a ampliarem os horizontes.

Ela observa que muitas mulheres chegam ao treinamento sem imaginar que poderiam fabricar produtos de limpeza e higiene ou transformar a atividade em um negócio. Ao longo das aulas, a troca de experiências e a realização das tarefas em grupo ajudam a despertar novas ideias.

"A saboaria une as pessoas. Você pega essa pessoa que está, de repente, em casa sem fazer nada, ela vem para o treinamento, se descobre, percebe que é possível produzir algo diferente e desperta nela o desejo de ser empreendedora", afirma.

Foi essa mudança de perspectiva que marcou a experiência de Ana Lúcia Mendes, pastora e responsável por uma associação em Anápolis. Ela conta que o aprendizado ajudou o grupo a enxergar a atividade de outra maneira, com mais atenção à qualidade dos produtos e às possibilidades de trabalho.

"O cenário para nós, hoje, tem sido divisor de águas. Antes da associação, tinha uma vertente de algo simples, de não se preocupar muito com empreendedorismo, só mesmo para distração. Hoje não", relata.

Ela acrescenta que o conhecimento adquirido ampliou as perspectivas do grupo. "Hoje nós estamos profissionais, hoje já temos uma qualidade tanto para a nossa casa como também para trabalhar fora e preocupando muito com o bem-estar", diz.

A mudança começa com o aprendizado de uma técnica, mas pode se estender à maneira como cada participante enxerga o próprio trabalho. Ao perceber que consegue fabricar um produto, avaliar seus custos e planejar como utilizá-lo ou comercializá-lo, a pessoa passa a considerar alternativas que antes não faziam parte de seus planos.

O curso Produção Artesanal de Produtos de Higiene e Limpeza é gratuito, tem duração de três dias e pode ser solicitado por meio dos Sindicatos Rurais parceiros do Senar Goiás.

A formação reúne aulas práticas e orientações sobre fabricação, higiene, segurança, rotulagem, armazenamento e custos. O objetivo é oferecer aos participantes conhecimentos que possam ser aplicados no dia a dia, tanto para o consumo familiar quanto para quem deseja explorar oportunidades de renda.

Assista à reportagem em vídeo

Por que os frutos do chuchu secam e caem antes de crescer?

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação



Divulgação

Envie suas dúvidas
A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail: revistacampogoias@gmail.com Participe!

O leitor Aloízio Araújo, de Anápolis (GO), sempre cultivou chuchu no quintal de casa. No entanto, ultimamente, tem observado um problema: os frutos secam ainda pequenos e caem antes de se desenvolver. Outros ficam enrugados e apresentam o interior com aspecto semelhante ao de isopor, sem atingir o tamanho esperado.

Dúvida | O que pode estar causando isso e como resolver?

Resposta I O secamento e a queda dos frutos ainda pequenos podem estar relacionados a diferentes fatores. Entre as possibilidades estão falhas na polinização, temperaturas elevadas, irregularidade na irrigação, desequilíbrios nutricionais e a ocorrência de pragas ou doenças. Para identificar a causa com segurança, é necessário observar também as folhas, os ramos, as flores e as condições de cultivo.

A polinização é uma etapa importante para a formação dos frutos. Quando ela não ocorre adequadamente, parte dos frutos recém-formados pode não se desenvolver e acabar secando ou caindo. A atividade dos insetos polinizadores, especialmente das abelhas, contribui para esse processo. Por isso, é importante preservar esses insetos no quintal e evitar o uso indiscriminado de produtos que possam prejudicá-los.

Outro fator que merece atenção é a temperatura. O chuchuzeiro se desenvolve melhor em condições amenas, e o calor excessivo pode favorecer a queda de flores e frutos jovens. A falta ou o excesso de água também prejudicam a planta. O solo deve permanecer úmido, mas sem encharcamento. Períodos de seca seguidos de muita água podem comprometer o desenvolvimento dos frutos. O aspecto enrugado e o interior semelhante a isopor também precisam ser investigados. Esses sinais, isoladamente, não permitem confirmar uma doença específica. É importante verificar se há manchas, apodrecimento, alterações nos ramos ou sinais de insetos. Um detalhe que chama atenção nas fotos e pode indicar um estresse fisiológico por altas temperaturas e umidade irregular é a produção de dois frutos juntos, pois o normal do chuchuzeiro é somente um fruto por pendúnculo.

Para favorecer a produção, o chuchuzeiro deve ser cultivado em solo fértil, rico em matéria orgânica e com boa drenagem e evitar excesso de adubação nitrogenada. A irrigação precisa ser regular, principalmente durante a floração e o crescimento dos frutos, evitando tanto a falta quanto o excesso de água. A planta é uma trepadeira vigorosa e precisa de uma estrutura firme, como uma latada, para que os ramos cresçam e recebam luz. A condução adequada facilita a circulação de ar, os tratos culturais e a observação de possíveis problemas. A adubação deve considerar as condições do solo e as necessidades da cultura.

Sempre que possível, recomenda-se fazer uma análise do solo antes de definir os fertilizantes e as quantidades a aplicar. O excesso de adubo também pode prejudicar o desenvolvimento da planta. Outra medida importante é retirar os frutos que secaram ou apodreceram e observar periodicamente a planta.



Resposta enviada pela técnica de Campo do Senar Goiás, Marina Arriel.

Azeitonas em Goiás

Revana Oliveira I revana@sistemafaeg.com.br

Júlia Araviche comprou pela internet uma muda de oliveira anunciada como uma planta com potencial para produzir frutos. De fato, as azeitonas nasceram, mas todas apresentam uma espécie de fungo que impede seu desenvolvimento. Ela acredita que o problema pode estar relacionado ao clima de Goiás, que talvez não seja adequado à variedade cultivada, e quer saber: isso é mito ou verdade? Ainda é possível fazer algo para recuperar a planta e garantir sua sobrevivência?

Verdade!

As condições climáticas de Goiás não são propícias para o desenvolvimento das azeitonas. O tempo influencia diretamente o desenvolvimento da oliveira, especialmente a floração e a frutificação. Dependendo da variedade, a planta necessita de um período de baixas temperaturas para estimular a floração.

Quando essa exigência não é atendida, a produção pode ser irregular, mesmo que a árvore permaneça viva e apresente crescimento vegetativo. Em regiões de clima predominantemente quente, como boa parte de Goiás, a adaptação depende da variedade, das condições do local de plantio e do manejo. Por isso, antes de comprar uma muda com finalidade produtiva, é importante verificar sua identificação, procedência e adequação ao clima da região. Entretanto, o clima, por si só, não explica necessariamente o aparecimento de manchas nos frutos.

A formação de azeitonas que não se desenvolvem adequadamente pode estar relacionada a fatores distintos, como doenças, pragas, deficiência nutricional ou condições inadequadas de cultivo. É necessário avaliar os sintomas para identificar a causa. A fotografia enviada mostra pequenas marcas claras distribuídas pelos frutos e por algumas folhas. Esse aspecto merece atenção, mas não permite confirmar, apenas pela imagem, que se trata de um fungo. Algumas pragas, como cochonilhas e insetos que produzem escamas aderidas à superfície vegetal, também podem provocar esse tipo de aparência.

Entre as doenças que afetam a oliveira está a antracnose, que pode comprometer o desenvolvimento dos frutos, provocar podridão e levar à sua mumificação. Contudo, a confirmação depende da observação dos sintomas e, quando necessário, de uma análise técnica. A presença de manchas não deve ser confundida automaticamente com uma doença fúngica.

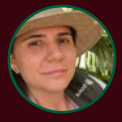
Recuperação da planta

O primeiro passo é observar se as manchas podem ser removidas superficialmente, se há pequenos insetos aderidos aos frutos e às folhas, se os ramos apresentam alterações e se a planta continua emitindo brotações saudáveis. Também é importante verificar as condições de cultivo. A oliveira precisa de boa luminosidade, solo bem drenado e irrigação equilibrada, sem encharcamento das raízes.

A retirada de frutos muito comprometidos e de partes vegetais secas pode ajudar a reduzir fontes de problemas, mas o manejo deve considerar o diagnóstico. Não é recomendável aplicar fungicidas ou inseticidas sem identificar o agente causador e verificar quais produtos são autorizados para a cultura. Se a planta estiver vigorosa, com folhas e ramos saudáveis, pode haver condições para sua recuperação. Já a possibilidade de produzir frutos de maneira regular dependerá também da adaptação da variedade ao clima local e adubação adequada para cada fase de desenvolvimento.



Divulgação



Resposta enviada pela técnica de Campo do Senar Goiás, Marina Arriel.

Divulgação

InfoSenar
Ano 10 Edição 112 Outubro/2026
SENAR Goiás

Soja - 01 a 30/09/2026

Soja encerra setembro com CBOT em queda, compras chinesas, colheita nos EUA e mercado brasileiro sustentado

Em setembro, a soja apresentou volatilidade na Bolsa de Chicago (CBOT), com o contrato novembro/26 recuando 1,88% entre o primeiro e o último pregão do mês, encerrando a US$ 12,93/bushel. O avanço da colheita norte-americana pressionou as cotações, enquanto compras chinesas e a demanda por derivados trouxeram sustentação pontual. As negociações comerciais entre Estados Unidos e China e o início do plantio brasileiro também permaneceram no radar.

No Brasil, as exportações de soja somaram US$ 3,47 bilhões em setembro, alta de 11,9% frente ao mesmo período de 2025, enquanto o volume embarcado avançou 0,2%, segundo o MDIC/Secex. A demanda externa e os prêmios de exportação contribuíram para sustentar os preços domésticos, em um cenário de oscilações cambiais e elevada oferta brasileira.

Em Goiás, a soja disponível avançou 1,72%, enquanto o balcão subiu 0,42%. Já a soja futura recuou 0,81%. Em setembro, a Agrodefesa antecipou excepcionalmente o fim do vazio sanitário para 20 de setembro, permitindo o aproveitamento das primeiras janelas de umidade para o plantio da safra 2026/27.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de soja em setembro/26.



Tabela 1- Variação dos preços médios da soja em Goiás em setembro/26.

Descrição	Valor 01/09	Valor 30/09	Diferença
Soja Disponível	R$145,25	R$147,75	+R$2,50
Soja Balcão	R$136,01	R$136,58	+R$0,57
Soja Futuro	R$129,26	R$128,21	-R$1,05

Para outubro, o mercado deve acompanhar a colheita nos EUA, a demanda chinesa, o clima no Brasil, o dólar e os prêmios, fatores que podem direcionar as cotações e a comercialização da soja.

Milho - 01 a 30/09/2026

Oferta crescente e estoques nos EUA pressionam o milho em setembro

Na Bolsa de Chicago (CBOT), o milho apresentou volatilidade em setembro. Inicialmente, preocupações com a oferta europeia e tensões no Mar Negro deram suporte às cotações. Entretanto, o avanço da colheita norte-americana ampliou a pressão sobre os preços. No fechamento do mês, o USDA divulgou estoques de 53,2 milhões de toneladas, acima das expectativas do mercado, provocando forte desvalorização dos contratos futuros.

No Brasil, a comercialização permaneceu lenta, com compradores cautelosos diante da disponibilidade do cereal. Na B3, os contratos futuros acompanharam a pressão externa, enquanto as exportações brasileiras somaram 5,21 milhões de toneladas em setembro, queda de 31,1% em relação ao mesmo mês de 2025. A média diária embarcada ficou 27,8% abaixo da registrada no ano anterior.

Em Goiás, com a colheita da safrinha 2025/26 encerrada, o mercado concentrou as atenções na comercialização dos estoques e no planejamento da próxima safra. As incertezas climáticas associadas ao El Niño aumentam a cautela dos produtores quanto à safrinha 2026/27, enquanto o mercado regional ainda apresenta poucas referências de preços para negociações antecipadas.

Gráfico 1 _Evolução no preço do contrato futuro de milho em setembro/26.



Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás em setembro/26.

Descrição	Valor 01/09	Valor 30/09	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R$60,52	R$57,57	-R$2,95
Milho Safrinha (Média Estado)	R$59,25	R$59,00	-R$0,25
Rio Verde	R$62,00	R$57,00	-R$5,00

Para outubro, o avanço da colheita nos Estados Unidos e a maior oferta argentina devem manter a pressão sobre o mercado internacional, aumentando a concorrência com o milho brasileiro nas exportações.

Bovinocultura de corte - 01 a 30/09/2026

Arroba ganha sustentação com oferta restrita

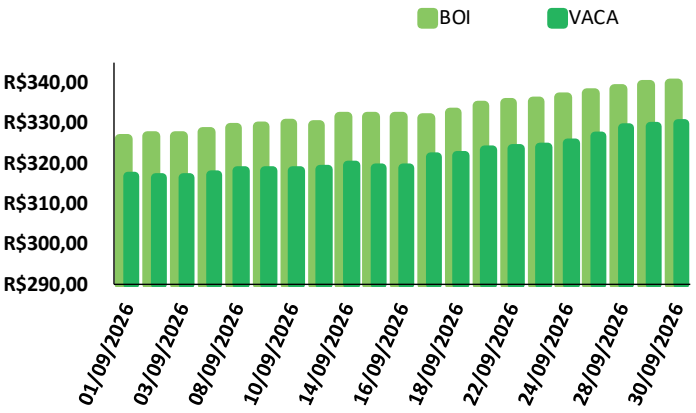
O mercado do boi gordo apresentou valorização contínua ao longo de setembro, após a maior volatilidade observada em agosto. Em Goiás, o boi gordo fechou o mês com média de R$ 332,39/@, alta de 4,16%, enquanto a vaca gorda alcançou R$ 321,53/@, valorização de 4,17%. A oferta reduzida de animais prontos para abate manteve as escalas dos frigoríficos mais ajustadas, entre cinco e sete dias úteis, aumentando a disputa pelos lotes disponíveis. Nesse cenário, frigoríficos de diferentes portes permaneceram ativos nas compras e elevaram gradualmente suas indicações.

No mercado físico, o indicador DATAGRO SP encerrou setembro em R$ 353,59/@, alta de 5,40%. Segundo o Cepea, a menor disponibilidade de animais na entressafra e a valorização do preço da carne bovina no mercado externo, além da expectativa de retomada das compras chinesas, contribuíram para o movimento de alta ao longo do mês.

Nas exportações de carne bovina in natura, foram embarcadas 195 mil toneladas, queda de 38% em relação a setembro de 2025. Apesar do menor volume, o preço médio avançou 11,9%, alcançando US$ 6.284,70por tonelada. O cenário mostra que, mesmo com menor ritmo de embarques, a valorização do produto exportado ajudou a dar suporte ao mercado.

A alta da arroba ocorre em um cenário de margens mais apertadas na cadeia, com a reposição valorizada e a carcaça avançando menos que o boi gordo. Para os próximos meses, oferta de animais, exportações e relação de troca serão determinantes para os preços e a rentabilidade.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R$/@



FONTE: IFAG

Aves e Suínos - 01 a 30/09/2026

Cotações reagem no mercado interno, com destaque para suínos

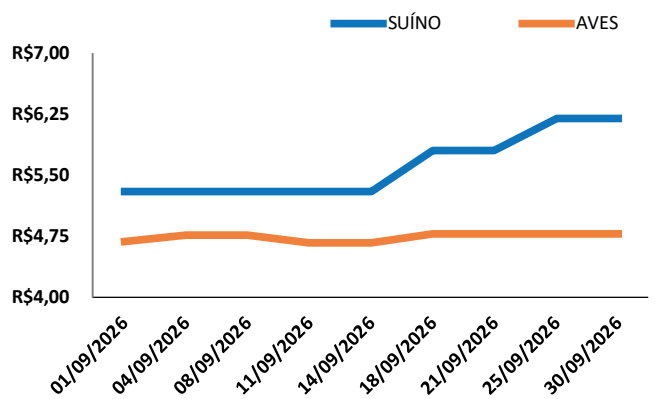
Em setembro, a avicultura apresentou reação nas cotações, impulsionada pela maior atuação da indústria na compra de lotes extras para atender à demanda por carne de frango. Em Goiás, o frango vivo foi cotado a R$ 4,75/kg, alta de 2,03% no mês.

Na suinocultura, a recuperação foi mais expressiva. O suíno vivo encerrou setembro com média de R$ 5,61/kg, valorização de 16,98%. A alta também chegou aos cortes no mercado interno, acompanhando a valorização da carcaça. Além disso, o controle do peso dos animais pelos produtores contribuiu para evitar a concentração da oferta, enquanto a demanda mais firme favoreceu a sustentação dos preços.

Nas exportações, os embarques de carne de frango somaram 460,12 mil toneladas, volume estável em relação a setembro do ano passado, enquanto o preço médio recebido avançou 9,1%. Já as exportações de carne suína totalizaram 118,74 mil toneladas, queda de 11,4% no volume e de 12% no preço médio, na comparação anual.

Para o último trimestre, as festas de fim de ano e o pagamento do décimo terceiro salário podem favorecer o consumo interno. Com a oferta ajustada, o produtor deve acompanhar as cotações e planejar a comercialização dos lotes, mantendo atenção aos custos de produção e à eficiência nutricional e sanitária para preservar as margens.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R$/KG



FONTE: IFAG; AGROLINK

Agroclimático - 01 a 30/09/2026

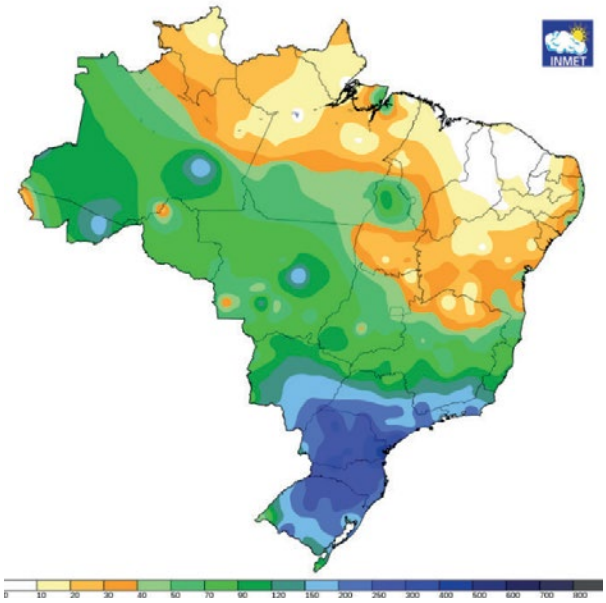
Setembro marca a transição para o período chuvoso, mas mantém irregularidade das chuvas

Em setembro, Goiás apresentou condições típicas de transição entre a estação seca e o período chuvoso, com alternância entre períodos de tempo firme, temperaturas elevadas e baixa umidade relativa do ar, e episódios de chuva e tempestades. Segundo o CEMPA Cerrado, as principais ocorrências de precipitação aconteceram nos dias 1 e 2, entre 7 e 9, no dia 15 e entre 22 e 24, ainda de forma irregular. Entre os destaques do mês, o dia 15 registrou tempestades intensas no Sul e Sudoeste goiano, com chuva forte, granizo, raios e rajadas de vento. Já no final do mês, o calor voltou a ganhar força, com temperaturas de até 38,8 °C em Goiânia e 37,6 °C em Rio Verde.

No campo, o retorno gradual das chuvas favoreceu a transição para a nova safra, mas a irregularidade da precipitação manteve restrições à implantação das culturas de verão. Segundo o INMET, a baixa disponibilidade de água no solo exigiu cautela no início da semeadura da soja e do milho, uma vez que pancadas isoladas nem sempre garantiram umidade suficiente para germinação e emergência uniformes, aumentando o risco de falhas de estande e necessidade de replantio. Para as pastagens, a retomada das precipitações começou a melhorar a disponibilidade hídrica, mas a distribuição irregular das chuvas e as temperaturas elevadas ainda limitaram uma recuperação uniforme das forrageiras.

Para outubro, a tendência indicada pelo CEMPA é de retorno gradual das chuvas, porém de forma irregular. O cenário exige atenção ao estabelecimento da soja e do milho da safra 2026/27.

Figura 1. Precipitação acumulada em setembro.



FONTE: INMET

Hortifrúti - 01 a 30/09/2026

Oferta e comercialização influenciam preços do hortifrúti em setembro

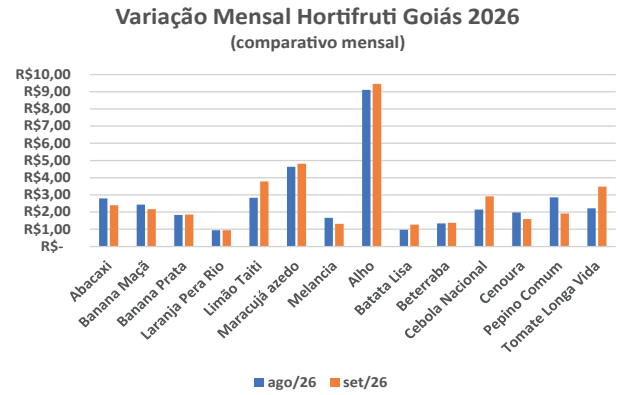
Em setembro, os preços estimados ao produtor de hortifrutícolas em Goiás apresentaram movimentos distintos, conforme levantamento do IFAG a partir das cotações da Ceasa-GO. Na comparação com agosto, o gráfico indica valorização de produtos como limão Taiti, cebola nacional e tomate longa vida, enquanto melancia e cenoura apresentaram recuos. Essas oscilações podem estar relacionadas às condições de oferta e demanda no mercado regional.

A melancia permaneceu entre os destaques do mercado em Goiás, diante da ocorrência de um surto de virose em lavouras de Uruana, município responsável por cerca de 32% da produção estadual da fruta em 2025. A Embrapa investiga o agente causador da doença, que provocou perdas de até 100% em determinadas lavouras, gerando preocupação para o setor produtivo.

Entre as hortaliças, o pepino comum apresentou recuo nos preços estimados ao produtor, enquanto a batata lisa e a beterraba registraram valorização em relação a agosto. Os movimentos refletem diferentes condições de oferta e comercialização, com impactos sobre a remuneração dos produtores rurais.

Para outubro, as condições climáticas, a disponibilidade dos produtos e o ritmo de comercialização continuarão influenciando as cotações. Na produção de melancia, a situação fitossanitária em Uruana permanece como ponto de atenção, diante dos possíveis impactos sobre a oferta regional.

Gráfico 1 – Preços médios estimados ao produtor em Goiás - agosto e setembro de 2026 (R$/kg).



Fonte: Ceasa-GO. Estimativas e elaboração: IFAG.
Nota: Preços estimados pelo IFAG a partir das cotações atacadistas da Ceasa-GO, com aplicação de redutores de 40% a 45%.

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás

SENAR Goiás
Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br

IFAG Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3096-2235
www.ifag.org.br



Escondidinho de Carne Seca com Banana da Terra e Requeijão na Folha de Bananeira

Leillyane Marques da Silva — **Britânia, 2024**

Ingredientes

- 500 g de carne seca
- 1 kg de mandioca
- sal a gosto
- 1/2 unidade de cebola ralada
- Cheiro-verde a gosto
- 1 copo de requeijão cremoso
- azeite de oliva a gosto
- leite a gosto
- 300 g de muçarela
- 2 unidades de bananas da terra
- 100 g de pimenta biquinho
- 2 unidades de dentes de alho

Modo de fazer

Dessalgue a carne colocando de molho na água e trocando a água até dessalgar. Cozinhe a carne seca, desfie e reserve. Cozinhe a mandioca até que fique bem macia. Faça um purê com leite, manteiga de leite e sal. Reserve. Em uma panela refogue a cebola, o alho, a carne desfiada e o cheiro-verde. Deixe apurar o sabor e reserve. Divida o purê de mandioca em duas partes. Em um refratário coloque uma parte de purê, acrescente a carne seca e as bananas da terra cortadas, requeijão, e tampe com a outra parte do purê. Finalize com muçarela por cima e leve ao forno até gratinar. Decore com lascas de carne e pimenta biquinho.

Rendimento: 6 porções
Tempo de preparo: 2h40



"Quando eu era criança, minha avó sempre fazia esse escondidinho em datas especiais, principalmente nas festas natalinas (...) Todos os netos pediam que ela fizesse esse prato, e ela cozinhava com muito gosto! Considero essa receita uma grande herança de família. Eu cresci e minha mãe seguiu repetindo essa receita nas festas da família. Atualmente tenho tanto afeto a essa receita, que incorporei em meu cardápio de vendas, e é sempre um sucesso! Esse prato tem gosto de afeto e saudade!"

Suco nutritivo reúne ingredientes que contribuem para a saúde



Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro "Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado". É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

As mudanças de temperatura, o tempo seco e a maior circulação de vírus respiratórios são motivos para redobrar os cuidados com a saúde. Manter uma alimentação equilibrada, beber água regularmente e adotar hábitos saudáveis são medidas importantes para o bom funcionamento do organismo, inclusive do sistema imunológico.

Nesse contexto, alguns alimentos naturais se destacam pela variedade de nutrientes e compostos bioativos. Cenoura, beterraba, laranja, gengibre e aveia são os ingredientes de uma receita que combina diferentes propriedades nutricionais em uma bebida colorida, saborosa e fácil de preparar.

A cenoura é fonte de betacaroteno, substância que o organismo converte em vitamina A. Esse nutriente contribui para a manutenção das barreiras de proteção do corpo e para o funcionamento adequado do sistema imunológico. Já a beterraba fornece folato, potássio e betalaínas, compostos com ação antioxidante.



A laranja, por sua vez, é conhecida pelo teor de vitamina C, que participa do funcionamento das células de defesa e da proteção contra danos oxidativos. O gengibre contém gingeróis e outros compostos bioativos estudados por suas propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias. A aveia completa a combinação com fibras, entre elas as betaglucanas, que contribuem para a saúde intestinal.

A mistura desses ingredientes é uma alternativa para diversificar o consumo de frutas, verduras e cereais no dia a dia. Embora reúna nutrientes importantes, o suco não previne nem trata infecções e deve fazer parte de uma alimentação variada e equilibrada.

Mais do que aproveitar os benefícios nutricionais dos alimentos, a receita também é uma oportunidade de utilizar ingredientes simples, muitos deles encontrados na própria propriedade, em preparações práticas para toda a família.

Ingredientes

1 cenoura média crua e higienizada;
½ beterraba pequena crua e higienizada;
Suco de 1 laranja;
1 colher (sopa) de aveia;
1 pedaço pequeno de gengibre fresco (aproximadamente 1 cm);
150 a 200 ml de água gelada.

Modo de preparo

Lave, higienize e corte a cenoura e a beterraba em pedaços pequenos. Descasque a laranja e retire as sementes. Se preferir, utilize a fruta inteira, sem a casca e a parte branca mais espessa. Coloque todos os ingredientes no liquidificador. Bata até obter uma mistura homogênea. Sirva imediatamente, sem coar, para aproveitar as fibras dos ingredientes.

DICA DE VÓ: Não é necessário acrescentar açúcar. A laranja já confere dulçor natural à bebida. A receita rende de um a dois copos. Para aproveitar melhor os nutrientes dos alimentos, inclua também frutas inteiras, verduras, legumes, cereais integrais e fontes de proteínas nas refeições. O suco pode complementar a alimentação, mas não deve substituir frutas inteiras ou refeições equilibradas.

O DIA DA AGRICULTURA FOI COMEMORADO EM OUTUBRO

DO CAMPO PARA O BRASIL, GOIÁS COLHE PROTAGONISMO!

O estado cultiva números que dão orgulho:



TOMATE

Goiás é líder nacional

1,65 mi de toneladas em 2025

+15% sobre 2024

5 municípios goianos entre os 10 maiores do Brasil



GIRASSOL

Goiás segue líder no país

52,1 mil
hectares em 2026



LARANJA

Safra recorde em 2026

Safra recorde projetada para 2026: 199,7 mil toneladas



CANA-DE-AÇÚCAR

Protagonismo no setor

Projeção: 79,6 milhões de toneladas na safra 2026/27

Goiás mantém posição de destaque nacional



SOJA

Força nas exportações

US$ 5,78 bilhões exportados em 2025

51,8% das exportações do agro goiano

GOIÁS ABASTECE O BRASIL E AMPLIA SUA PRESENÇA NO MERCADO INTERNACIONAL

Fonte: Portal Sistema FAEG - Notícias (2026)

SAIBA MAIS EM:

sistemafaeg.com.br

FAEG SENAR IFAG SINDICATO RURAL

CNA RADAR

PÁTRIA
AGRONEGÓCIOS

Inteligência que gera segurança para decidir!



A **consultoria que transforma análise de mercado** em decisões mais estratégicas para o seu negócio. Com acompanhamento diário do mercado de grãos e fertilizantes, oferecendo informação, visão comercial e inteligência para identificar oportunidades, antecipar movimentos e negociar com mais confiança.



+ 12 milhões de hectares sob consultoria Pátria.



- Uma consultoria que conecta **mercado** e **estratégia comercial**.
- Análises conectadas ao **acompanhamento comercial** de cada cliente.
- Leitura integrada de Dólar, Chicago, Prêmios, cotações físicas e fundamentos de **oferta e demanda** para analisar os fatores que influenciam a formação dos preços agrícolas.



Fale com um especialista:
Onde tem AGRO, tem PÁTRIA!